



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JÚLIA B. M SANTOS SILVA DE SOUSA ARAÚJO

SOFREMOS. E AGORA?

**Uma proposta educativa a partir da reflexão sobre a
Unidade Letiva 3 do 7.º ano “Riqueza e Sentido dos Afetos”.**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação do Professor Doutor Américo Pereira e do Mestre Juan
Ambrosio.**

LISBOA 2019

“Borboleta”

Somos de aparências; e ensinados a ser
Alegres todo o tempo; e tristeza ninguém quer
Não sabemos lidar com a fragilidade
Escolhemos pensos rápidos; a encarar a verdade
Compramos felicidade; não reflectimos na dor
Mas a nota amarrotada tem o mesmo valor.
Não temos de estar sempre bem; e está errado quem
Pensa que a larva vira borboleta num bater de asas
Há processo a respeitar; não ousemos nós romper
No casulo a transformar; o outro que se há-de erguer
Quanto maior a queda; maior é o triunfo
Dar a volta à tristeza; Transformá-la num trunfo.

Luísa Vidal

AGRADECIMENTOS

Aqui chegada, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que contribuíram para a conclusão de mais uma etapa muito importante na minha vida.

Começo por referir todos os professores da Faculdade de Teologia de Lisboa que me acompanharam neste percurso, salientando o Professor Juan Ambrosio e o Professor Américo Pereira que, com toda a generosidade, disponibilidade e sabedoria me orientaram na realização deste trabalho. Agradeço também ao professor cooperante Frederico Batista que com paciência e compreensão me foi ajudando ao longo do ano, e também aos colegas do meu núcleo de estágio Paulo Fernandes, Sandra Rogado e Teresa Garcia pela partilha e interajuda que sempre houve entre nós. Muito obrigada também a todos e a cada um dos meus colegas, que comigo percorreram este caminho.

Um enorme agradecimento à minha família que tanto me incentivou e motivou em todos os momentos e que, sem a sua compreensão, tudo teria sido mais difícil.

Finalmente, e em último lugar porque é o Alfa e o Ómega, o princípio de tudo e o fim para que tudo se encaminha, agradeço a Deus todas as oportunidades, as pessoas que foi pondo no meu caminho, as dificuldades superadas, a força e a esperança que sempre me acompanharam.

“Dou-te graças, Senhor, de todo o coração, na presença dos poderosos te hei-de louvar. Inclino-me voltado para o teu santo templo, e louvarei o teu nome, pela tua bondade e pela tua fidelidade, porque foste mais além das tuas promessas. Quando te invoquei atendeste-me e aumentaste as forças da minha alma” (Sl 138, 1-3)

RESUMO

No âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas e para conclusão da Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizada nos Salesianos de Manique – Escola, no ano letivo de 2018-2019, apresento este Relatório Final sobre a temática do sofrimento.

Tendo como unidade de referência a Unidade letiva 3 do manual do 7º ano, do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, “Riqueza e Sentido dos Afetos”, e constatando que o tema do sofrimento não é abordado na etapa fundamental da vida que é a adolescência, proponho-me, neste trabalho, desenvolver uma proposta pedagógica para o incluir.

Sofremos. É um facto decorrente da condição de ser-se humano. Pode sofrer-se de muitas maneiras: de tristeza, de desilusão, de abatimento, de perda, de angústia, de desespero. Existe, no entanto, sofrimento que pode e deve ser evitado, mas há também aquele que surge inesperadamente e que atinge o ser humano no mais profundo do seu ser, podendo, inclusivamente, destruí-lo.

Sofremos. E agora? Com este trabalho não pretendo fazer um elogio do sofrimento, mas sim contribuir, de algum modo, para que jovens e crianças aprendam a lidar com as situações dolorosas com que se vão deparando. Perante estas, só existe uma possibilidade: escolher a maneira como as vivemos.

É nosso papel, enquanto educadores, ajudar os jovens na busca e no encontro do seu próprio caminho, na certeza de que esse percurso terá algumas dificuldades e problemas que vão ter de saber ultrapassar. E cada vitória terá um sabor especial e constituirá uma verdadeira conquista interior.

PALAVRAS-CHAVE: Sofrimento, EMRC, Educação Moral e Religiosa Católica, Adolescência, Afetos, Aprendizagem, Educação.

ABSTRACT

Having as scope the Master in Religious Sciences degree and the conclusion of the Supervised Teaching Practice (PES), held in the academic year 2018-2019, in the Salesianos of Manique School, I present this Final Report on suffering.

The Unit of reference is Teaching Unit 3, 7th Year Manual of the Portuguese Catholic Religious and Moral Education Program, "Wealth and Sense of Affection". Noticing that the theme of suffering is not addressed in the fundamental stage of life which is the adolescence, I suggest, in this work, developing a pedagogical proposal to include it in it.

We suffer. This is a fact arising from the condition of being human. We can suffer in many ways: sadness, disappointment, depression, loss, anguish, hopelessness.

Nevertheless, there is suffering that can and should be avoided, but there is also that suffering which arises unexpectedly and reaches mankind in the depths of his being, and may even destroy that being.

We suffer. What's next? With this work I do not intend to praise suffering, but rather to contribute, in some way, to young people and children learning how to deal with the painful situations they will inevitably encounter. Facing these situations, there is only one possibility: to choose the way how we live them.

It is our role, as educators, to help young people searching and finding their own way, in the certainty that this path will have some difficulties and problems that they will have to know how to overcome. And each victory will have a special taste and will be a true personal achievement.

KEY WORDS: Suffering, Catholic Religious and Moral Education, Adolescence, Affection, Learning, Education.

Índice

INTRODUÇÃO.....	7
Capítulo I – MAL, DOR E SOFRIMENTO: À VOLTA DAS PALAVRAS	12
1. Mal.....	12
2. Dor.....	20
3. Sofrimento	22
Capítulo II - O SOFRIMENTO HUMANO	26
1. O que é?.....	26
2. O que o provoca?.....	28
3. Como se vive?	31
4. Como se pode viver o sofrimento?.....	38
5. Educar para a busca e encontro de sentido	43
Capítulo III – DA REFLEXÃO TEOLÓGICA ACERCA DO SOFRIMENTO	50
1. Job, paradigma positivo do Homem crente	52
2. O sentido cristão da vida numa situação de sofrimento: “Segue-Me, tomando a tua cruz.”	61
Capítulo IV – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	71
1. Caracterização da Escola e da Turma.....	72
1.1. Caracterização da Escola.....	73
1.2. Caracterização da Turma.....	80
2. Avaliação Global da PES	82
3. A Prática Letiva. Análise da Unidade 3 do Manual – Riqueza e sentido dos afetos.....	88
3.1. Planificações.....	88
3.2. Metas	93
3.3. Objetivos	94
3.4. Conteúdos.....	95
3.5. Aprendizagens Essenciais	96
3.6. Justificação da pertinência do tema.....	97
4. Proposta Pedagógica.....	98
4.1. Proposta para trabalhar o tema do sofrimento na UL 3 - “Riqueza e Sentido dos Afetos”	98
4.2. Planificação da aula.....	99
4.3. Descrição das atividades em sala de aula.....	99
CONCLUSÃO.....	103
BIBLIOGRAFIA FINAL	105

INTRODUÇÃO

O sofrimento é uma realidade humana: sofre-se somática, psicológica, moral e espiritualmente.

É um facto incontornável decorrente da condição de ser-se humano e afeta o ser humano na totalidade das suas dimensões. Quando sofre é o homem inteiro que sofre.

Por esse motivo, parece-me que seria importante introduzir o tema do sofrimento na formação dos jovens para que, desde cedo, aprendam a integrá-lo como uma realidade possivelmente presente na vida de todo o ser humano.

Tendo como ponto de partida a UL 3 do 7º ano do manual de Educação Moral e Religiosa Católica, “Riqueza e Sentido dos Afetos”, e percorrendo todo o programa da disciplina, percebi que a questão acerca do sofrimento não é abordada, motivo pelo qual, me proponho sugerir uma proposta pedagógica nesse sentido.

Com este trabalho não pretendo fazer um elogio do sofrimento, mas sim contribuir, de algum modo, para que jovens e crianças aprendam a lidar com as situações dolorosas com que se vão deparando.

Numa sociedade predominantemente materialista como aquela em que vivemos, tende a considerar-se que tem uma vida boa quem tem dinheiro e tudo o que ele pode comprar. Valoriza-se a juventude e um certo critério de beleza. As pessoas valem pelo sucesso alcançado, pelo que produzem e pelo que têm. Em muitos ambientes promove-se uma vida de facilidades em que o esforço e o sacrifício, tendencialmente, não são bem vistos. Hoje temos o pronto-a-vestir, o pronto-a-comer, todo o tipo de informação disponível na internet (embora não se saiba o que fazer com ela); tudo é “para ontem”, o tempo voa e tem valor aquilo que produz satisfação imediata. Deste modo, vai-se caminhando para uma cultura *light* da vida em que tudo se torna leve, mas sem sabor.

Nesta conceção de sociedade o sofrimento parece não ter lugar e, por isso, tende a ser evitado, ignorado e escondido tanto quanto possível. Mas este não me parece ser, claramente, o melhor caminho para a humanização da sociedade.

Existem duas realidades muito difíceis de encarar: o sofrimento e a morte e, a primeira humana reação, é viver como se um e outra não existissem, como se, deste modo, a eles fossem poupados. Todavia, perante a inevitabilidade de ambos e não estando preparados para os viver, recorre-se, muito facilmente, ao consumo de antidepressivos, de ansiolíticos vivendo, então, numa falsa alegria imposta por fármacos.

Também alguns jovens são afectados por esta tendência. Muitos deles vivem sem esperança, sem horizontes, desvalorizam a vida e escondem-se atrás das drogas e do álcool como que para abreviar o seu vazio existencial. Em casos extremos, cujos números têm vindo a aumentar, há aqueles que terminam com a própria vida.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), conforme notícia de 5 de setembro de 2017 do DN/Lusa, Portugal está acima da média global de suicídios, apresentando uma taxa de 13,7 por cem mil habitantes em 2015, relativamente a uma taxa mundial de 10,7.¹

A OMS, no ano 2000, lançou um manual para professores e educadores com o título *Prevenção do Suicídio* e começa afirmando: “No mundo inteiro, o suicídio está entre as cinco maiores causas de morte na faixa etária de 15 a 19 anos.”²

E continua:

“Ter pensamentos suicidas uma vez ou outra não é anormal. Eles são parte do processo de desenvolvimento normal da passagem da infância para a adolescência, à medida que se lida com problemas existenciais e se está tentando compreender a vida, a morte e o significado da existência [...]. Pensamentos suicidas se tornam anormais quando a realização desses

¹ “Portugal acima da média de suicídios em todo o mundo” in <https://www.dn.pt/portugal/interior/portugal-acima-de-media-de-suicidios-em-todo-o-mundo---oms-8750443.html>, acedido a 16 de fevereiro de 2019 às 11.00.

² OMS, *Prevenção do Suicídio*, 2000, 6.

pensamentos parece ser a única solução dos problemas para as crianças e os adolescentes. Temos então um sério risco de tentativa de suicídio ou suicídio”.³

É preciso ensinar os jovens a não ter medo, pois este bloqueia, manipula a vontade, paralisa e pode levar ao desespero.

O medo, em casos graves, afeta o ser humano nas suas dimensões biológica, social e psicológica, tornando-o incapaz de pensar e de agir. Contra o medo, é preciso educar para a esperança, para a confiança e para a alegria. Os educadores têm a responsabilidade de ajudar a contrariar a mentalidade de superficialidade, de facilidade enganosa e de desesperança, ajudando, deste modo, os jovens a buscar e a encontrar sentido para a própria vida. É um trabalho nunca acabado e bastante exigente, mas é preciso dizer aos jovens que a vida vale a pena ser vivida com tudo o que ela contém.

O sofrimento existe, é um facto. Mas o que fazer perante um processo doloroso?

Tudo se deve fazer para evitar o sofrimento inútil; porque existe, de facto, muito sofrimento que pode e deve ser evitado. Para isso é preciso ensinar a apreciar positivamente o que, efetivamente, é bom; a relativizar o que, provavelmente, não é assim tão importante; a saber lidar com o fracasso e com a rejeição; a agradecer e a perdoar.

O ser humano grato descentra-se de si próprio e reconhece o bem que lhe foi feito. A gratidão retira o Homem da soberba, do autoconvencimento e fá-lo aproximar-se do seu semelhante olhando para ele, não com superioridade, mas identificando-o como “outro eu”.

O perdão, por sua vez, é um processo, mais ou menos longo, decorrente da vontade do ser humano sendo, por isso, uma atitude pessoal. O perdão não se confunde com a desculpa, com o esquecimento ou com a indiferença. Quem perdoa, embora conserve na memória a ofensa, não alimenta no seu coração o rancor, o ressentimento ou o desejo de vingança. Quem decide perdoar encontra a paz e a liberdade.

³ *Ibidem*, 7.

Diz Costa Freitas: “O perdão é a resposta inesperada, surpreendente e imerecida às situações-limite do irreparável e do indesculpável”.⁴

Existe, todavia, sofrimento que não se pode evitar e que precisa de ser integrado na vida. Estar triste é natural e é até saudável; mas depois do luto das várias “perdas” que vão acontecendo ao longo da vida, é preciso recuperar a esperança e a alegria.

Saber acolher a dor e o sofrimento pode ser uma experiência libertadora pois, entrando na mais profunda intimidade do nosso ser, descobre-se a verdadeira bondade da vida, de que nos fala o primeiro livro da Bíblia.

O ser humano só aspira a uma coisa: ser feliz. Mas o que é ser feliz? Não sofrer? Quem sofre é necessariamente infeliz? E quem não sofre é necessariamente feliz?

Muitas vezes “o estado pleno de felicidade é alcançado depois de um momento muito difícil da nossa vida que foi superado”.⁵

Muitas pessoas perante uma situação de sofrimento não sabem o que fazer, lamentam-se contra a injustiça e entram em desespero. Mas não tem de ser assim.

Sofremos. E agora?

Não existem respostas claras e objectivas. Perante situações dolorosas inevitáveis, só é possível escolher a maneira como as vivemos.

É nosso papel, enquanto educadores, ajudar as crianças e os jovens na busca e no encontro do seu próprio caminho, na certeza de que, esse percurso, terá algumas dificuldades e problemas que vão ter de saber ultrapassar. E cada vitória terá um sabor especial e constituirá uma verdadeira conquista interior. Um sofrimento pode ser motor de crescimento, de descoberta e de sabedoria.

⁴ M.C FREITAS, “Perdão”, *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 4 (1992) 58.

⁵ A.C. ARANTES, *A morte é um dia que vale a pena viver*, Oficina do Livro, Alfragide, 2019, 179.

Este trabalho desenvolve-se em quatro capítulos.

No primeiro procuro clarificar e distinguir os termos “mal”, “dor” e “sofrimento”.

Seguidamente, faço uma abordagem generalizada à questão do sofrimento humano, designadamente, o que é e o que o provoca, como se vive e como se pode vivê-lo. Refiro ainda a importância de uma educação que promove a busca e o encontro de sentido para a vida.

Continuo com uma reflexão teológica acerca do sentido cristão da vida perante uma situação de sofrimento, apresentando Job como o paradigma positivo do Homem crente sofredor.

O quarto capítulo incide na Prática de Ensino Supervisionada. Começo por fazer a caracterização da Escola e da Turma onde lecionei no ano de 2018-2019, seguida da avaliação global da PES. No terceiro ponto faço a análise da minha unidade letiva de referência, a Unidade Letiva 3 “ Riqueza e sentido dos afetos”, apontando as suas metas, os objetivos que se pretendem alcançar e os conteúdos a trabalhar. Faço ainda uma abordagem às aprendizagens essenciais visadas com o estudo desta unidade e, finalmente, justifico a pertinência do tema do sofrimento neste contexto. Termino o quarto capítulo sugerindo uma proposta pedagógica para trabalhar o tema, no âmbito da unidade de referência.

Sofremos. E agora?

Capítulo I – MAL, DOR E SOFRIMENTO: À VOLTA DAS PALAVRAS

Em primeiro lugar, parece-me importante clarificar o sentido dos termos: “mal”, “dor” e “sofrimento”. Do que é que se fala quando se fala de sofrimento? Dor e sofrimento identificam-se? E o que se entende por mal?

Pode dizer-se que o Homem sofre quando experimenta um mal qualquer. No Antigo Testamento não havia uma palavra específica para designar o sofrimento, por isso, definia-se como mal tudo aquilo que era sofrimento.

Como refere João Paulo II, na carta apostólica *Salvifici Doloris*, só a língua grega e o Novo Testamento (e as versões gregas do Antigo) se serve do verbo “πάσχω” (paskho) - sou afectado por, experimento uma sensação, soffro. Graças a este termo, o sofrimento já não é directamente identificável com o mal, mas exprime uma situação na qual o Homem sente o mal e, deste modo, torna-se sujeito de sofrimento.

1. Mal

O que é o mal?

Entende-se por mal, no sentido formal do termo, “a ausência ou privação de uma qualidade necessária à integridade ou perfeição de um ser”.⁶

Mas que mal é este, que nos invade, que toma conta de nós, que nos retira as forças e a vontade de viver? Qual a sua origem? Quem é o seu responsável?

A problemática do mal sempre suscitou amplo interesse e áreas como a Filosofia e a Teologia, ao longo dos tempos, têm tentado encontrar respostas que expliquem a sua origem e a sua essência.

⁶ M.C FREITAS, “Mal”, *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 3 (1991) 596.

É um tema que conduz a uma reflexão profunda na medida em que, perante o mal, o ser humano sente-se ameaçado no seu possível modo de ser verdadeiramente humano. O Homem tem o bem como horizonte e cada vida encerra em si, essa possibilidade de bem. Por isso é que o mal faz tanto mal.

O mal é revoltante, injusto e entra no mundo como algo estranho e misterioso gerando perplexidade e aversão. Perante o mal, o Homem sente-se impotente e perturbado e, em primeira instância, pergunta-se o porquê deste acontecimento, desta doença ou desta situação. Pode falar-se de mal físico, que é aquele decorrente da própria condição humana, refletindo sempre a ausência de um bem, e de mal moral, como aquele que inclui a responsabilidade pessoal e que provoca rutura e desarmonia.

Outro aspeto fundamental na questão do mal é a questão da sua coexistência com um Deus de Amor. Muitos perguntarão: Se Deus é infinitamente bom e criou o mundo, porque é que existe o mal? Como é que Deus o permite? E sendo onnipotente, não consegue aniquilá-lo do mundo? A teodiceia não põe Deus em questão?

Nesse sentido, e porque são variadas as interpretações, proponho-me fazer, neste capítulo, uma breve apresentação de algumas das diferentes perspetivas relativas a este tema.

Segundo Costa Freitas existem, nestes campos de pensamento, duas concepções opostas: uma defende que o mal “ é uma realidade objectiva, tão originária e consistente como o bem” ⁷ e outra, que o mal “ não passa da impressão subjetiva de um desejo ou juízo negativo”⁸

Na perspetiva dualista da existência das realidades do bem e do mal no mundo, surgiram, nos primeiros séculos, as correntes gnósticas e maniqueístas.

⁷ M.C FREITAS, “Mal”, 598.

⁸ *Ibidem*.

O gnosticismo, baseando-se na gnose (conhecimento único), é um conjunto de sistemas filosófico-religiosos que surgiu nos começos da nossa era sendo, no entanto, complicado estabelecer com exatidão qual a sua origem.⁹

Referindo-se ao gnosticismo explica Carreira das Neves:

“Todos os grupos gnósticos partem do princípio ou da crença de que existe no homem uma faúlha ou centelha divina, encerrada no seu mundo e corpo material, que deve ser libertada ou redimida, para regressar à sua origem do Pléroma divino. O processo gnóstico consiste nesta viagem de um mundo superior que, através de emanções – os célebres arcontes – contacta com a faúlha divina, encarcerada no corpo do mundo inferior, operando a obra da redenção ou salvação.”¹⁰

No sistema dualista, o reino da luz, Deus, e o reino das trevas, são entidades pré-existentes e co-eternas. Para os gnósticos, o homem é constituído por corpo físico, psíquico e espírito, considerando o corpo e o psíquico elementos constitutivos do homem não-divino, que necessitam de redenção. O psíquico está entre o corpo e o espírito. O gnóstico considera o corpo como um “cárcere” onde o verdadeiro *eu* está aprisionado; além disso o homem é também vítima das paixões da alma. Nele habitam duas almas: uma celeste que é o seu *eu* autêntico e uma inferior dominada pelos demónios que o levam a pecar. A matéria é intrinsecamente má e fonte de todo o mal. Se a matéria é má, a divindade responsável pela sua criação não pode ser o Deus Bom, mas uma divindade inferior (Demiurgo).

A salvação consiste, então, em resgatar o espírito que está prisioneiro do corpo. A passagem da ignorância para a verdade só se faz pelo conhecimento e não pela fé.

O maniqueísmo, fundado em 230 por Mani, expandiu-se pela Ásia, pelo Norte de África e pela Europa e assenta no dualismo gnóstico do bem e do mal como realidades ontológicas.

⁹ Cf. J. R. RODRIGUES, “Gnosticismo”, *LOGOS*, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia 2 (1990) 855.

¹⁰ J. C. das NEVES, “Gnosis – Gnosticismo, Uma Introdução”, *Cadernos do Ceil*, 1, Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Lisboa, 2011, 109.

Mani, profeta e apóstolo da Luz, terá tido uma revelação divina com a missão de transmitir aos homens o dom da gnose, concedido como a realidade suprema da salvação.¹¹

O mundo seria gerido a partir dos princípios do bem e do mal, princípios estes metafísicos e eternos, em permanente conflito.

Ao princípio do bem chama-se Deus, o reino da Luz, e o princípio do mal dá origem ao reino das Trevas. Estas duas naturezas estariam presentes em todas as coisas criadas.

Cada ser humano deve entregar-se a esse eterno combate para extinguir em si a presença das Trevas a fim de poder alcançar o Reino da Luz, que é o Reino de Deus.

Platão, embora sem se conseguir libertar totalmente da dualidade metafísica, implícita na preexistência da matéria, “faz pender todo o peso ontológico para a esfera do bem. A matéria, origem do mal, não é mais do que indeterminação e desordem, um quase não-ser”.¹²

A questão do mal também foi motivo de reflexão para Santo Agostinho que, refutando o pensamento maniqueísta, vai considerar o mal concebido, essencialmente, como mal moral ou pecado, que é aquele que deriva da livre escolha do ser humano entre o bem e o mal.

“Veiculada a ideia de que o homem vivia em estado de inocência (a sua natureza era inocente), e que, porém, optou livremente pelo pecado dando origem ao que chamamos de mal, Agostinho defenderá de igual modo, que o homem nunca conseguirá se livrar do mal pelas próprias forças, mas só mediante a graça divina”¹³

O mal é ausência de ser. Como revela M. C. Freitas, para Santo Agostinho: “o mal não é uma substância porque se fosse substância seria um bem. (Conf. VII,12)”¹⁴

¹¹ Cf. M. C. FREITAS, “Maniqueísmo”, *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia*, 3 (1991) 611.

¹² M.C FREITAS, “Mal”, 598.

¹³ P. C. COSTA, Dissertação de Mestrado, *O Conceito do Mal em Paul Ricoeur*, RS, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Brasil, 2008, 68.

¹⁴ M.C FREITAS, “Mal”, 599.

Para S. Tomás de Aquino, o mal é sobretudo um escândalo, na medida em que fere e perturba o ser humano, pondo em causa a existência de Deus e o sentido da vida (*S. Th., 1^a, q.2, a.3*) e é também um mistério porque não é acessível à razão.¹⁵

Os padres da Igreja, para quem a doutrina agostiniana se tornou uma referência, sempre afirmaram a não substancialidade do mal e reduziam-no a uma ausência de bem.

A este respeito diz S. Tomás:

“A importância do mal mede-se pelo bem que impede ou destrói. Poderá acontecer que determinado mal, no plano físico (...) possa ser ocasião de um bem maior no plano moral e que o próprio pecado possa ser resgatado por uma superabundância de amor”¹⁶

O pecado, em S. Tomás, é o mal por excelência, pois vai contra o desígnio divino.

Em *A Religião nos Limites da Simples Razão*, Kant apresentou uma teoria na qual tentou explicar a origem do mal nos seres humanos.

“Kant propôs que o ser humano é, naturalmente, organizado ou disposto para o bem. (...) Contudo, ele defendeu também que, para que a liberdade seja possível, é preciso haver uma propensão ou disposição natural para o mal, isto é, o mal deve existir como algo possível no exercício do arbítrio. Assim, o mal, enquanto possibilidade, está ligado à humanidade de modo inseparável, de tal modo que esta propensão para o mal pode ser considerada uma inclinação para o mal que, embora seja algo contraído livremente pode ser entendido como um mal radical inato”.¹⁷

Para Kant, a origem racional do mal é radical e considera-o como a “possibilidade geral da desobediência à lei moral”¹⁸

Comentando Ricoeur, diz Celso Costa:

¹⁵ Cf. M. C. FREITAS, “Maniqueísmo”, 596.

¹⁶ *Ibidem*, 600.

¹⁷ Silvério BECKER, “Sobre a Origem do mal na Filosofia de Kant”, *Guairacá, Revista de Filosofia*, 32, 2 (2016) 72.

¹⁸ M.C FREITAS, “Mal”, 601.

“Interpretando Kant, Ricoeur afirma, no prefácio da obra Kant *et le probleme du mal*: “a história da natureza começa pelo bem, pois ela é obra de Deus; a história da liberdade começa pelo mal, pois ela é obra do homem” (RICOEUR in Reboul, p. XV). E continua em outro momento: em Kant, portanto, “afirmar a liberdade é tomar sobre si a origem do mal” (RICOEUR, 1988, p. 421), ou seja, há uma implicação recíproca de um conceito no outro, a saber, o mal na liberdade e a liberdade no mal”.¹⁹

Hoje, a problemática do mal continua atual e a despertar o interesse dos estudiosos das várias áreas.

Diz Geshé que “O mal é o irracional absoluto, o irracional hiperbólico, o supremo sem-sentido”.²⁰

Segundo Adolphe Geshé, Deus mostra-se “surpreendido” com a realidade do mal. Mas ao falar da surpresa de Deus perante o mal significa, então, que Deus não é onisciente?

Para este autor, falar de um Deus que tudo conhece, que conhece o escândalo que é o mal e que permite a sua existência e acção, é admitir um Deus distante e indiferente ao Homem e ao seu sofrimento. Adolphe Geshé prefere, então, falar de um Deus "surpreendido" pelo mal. Este autor admite que o mal é um risco proveniente da liberdade do homem e que, como tal, tem carácter de imprevisibilidade. Deste modo, percebe-se que Deus não criou o mal e, não o suportando, junta-se ao ser humano sofredor para o combaterem juntos.

Para Adolphe Geshé, não é apenas Deus que aparece surpreendido pelo mal, mas também o ser humano. O mal não pode ter origem no Homem criado por Deus, portanto, não faz parte da essência humana. O pecado do homem está ligado, apenas, à sua fragilidade e vulnerabilidade.

Diz ele, “A questão do mal não se põe ou percebe em termos de responsabilidade, mas de acidente e desgraça”²¹, o que retira, de certa forma, a culpabilidade ao Homem.

¹⁹ P. C. COSTA, Dissertação de Mestrado, *O Conceito do Mal em Paul Ricoeur*, 70.

²⁰ A. GESCHÉ, *El Mal*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010, 90.

²¹ *Ibidem*, 49.

Para Gesché, Deus e o Homem estão juntos no combate ao mal. Embora sem tornar o Homem totalmente isento de responsabilidade quer, sobretudo, libertá-lo de uma culpabilidade excessiva e redutora. É preciso denunciar e combater todos os tipos de males. O mal é algo irracional que tem de ser combatido e Deus junta-se ao ser humano nesse combate.

Na reflexão que tenho vindo a fazer, distancio-me desta posição de Gesché; existe algum mal que, eventualmente, posso considerar acidente mas esse não está relacionado com as ações humanas; todas aquelas que dependem e provêm do ser humano são responsabilidade sua. Desculpabilizar o Homem do mal que faz, como se fosse esse mal a vir ao seu encontro, surpreendendo-o, parece-me uma atitude, de certo modo, imatura, que tem apenas um único objetivo: desculpabilizar o Homem do mal que faz. Isto infantiliza-o. Todo o ser humano encerra em si a possibilidade de bem mas, também e necessariamente, a possibilidade de mal; se assim não fosse seríamos fantoches nas mãos do criador.

Deus não tem uma atitude paternalista perante o Homem; porque é Pai, Deus não pretende controlar remotamente os Seus filhos, levando-os a ser bonzinhos e a fazer o que gostaria que fizessem. Deus, ao criar o Homem deu-lhe a possibilidade do Bem. Fazê-lo é uma escolha sua. Deste modo, não posso entender o mal como uma realidade autónoma que se impõe ao ser humano levando-o a pecar. Não. O Homem é um ser livre, dotado de inteligência, de consciência e que tem a capacidade de fazer escolhas, sendo por elas responsável. O mal é algo irracional mas acredito que a sua fonte, em muitos dos casos, é apenas o mau uso da liberdade humana.

No Antigo Testamento percebe-se que o mal nunca foi querido por Deus. Toda a narrativa das origens nos fala da beleza da criação. “ Deus vendo toda a sua obra considerou-a muito

boa”²². (Gn 1,31). Reinava a harmonia e, portanto, nesta realidade criada por Deus o mal não existe.

O segundo capítulo do Gênesis conta como o mal entrou no mundo através do pecado de Adão, que se encontra depois nas narrativas de Caim e Abel, do Dilúvio, da torre de Babel, entre outras.

No Novo Testamento, Jesus não fica indiferente diante do mal e do sofrimento do Homem. Toda a Sua vida, palavras e gestos mostram que Jesus veio ao mundo para combater o mal, para curar as feridas e consolar aqueles que sofriam. Muitas passagens nos contam que Jesus se comove e sente compaixão. (Mt 9,36; 14,14; Mc 1,41; 6,34; Lc 7,13).

Apesar das muitas teorias teológicas e filosóficas acerca da natureza do mal, da sua origem e sobretudo da possibilidade da sua coexistência com um Deus infinitamente bom, aquele permanece algo misterioso “inacessível à inteligibilidade humana”.²³ O mal é escândalo.

Perante o mal existente e experimentado no mundo, o ateísmo pode encontrar a sua fundamentação: se Deus é bom como se anuncia, então não pode permitir o mal; como o mal existe ou Deus, afinal, não é bom ou então nem sequer existe.

Perante o sofrimento dos inocentes o Homem revolta-se e passa a ver Deus como o responsável de todos os males do mundo já que, sendo todo-poderoso, nada faz para os evitar.

No limite, proclama-se a inexistência de Deus.

Ao longo deste trabalho, refiro-me ao mal enquanto mal moral, ou seja aquele que resulta da liberdade e responsabilidade do ser humano.

²² Para as citações bíblicas uso a BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica. Fátima, 2001.

²³ M.C FREITAS, “Mal”, 602.

2. Dor

Encontrar uma definição para este termo é uma tarefa complexa pois, reúne em si, um conjunto muito amplo de significados.

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a dor é:

“Uma sensação desagradável produzida pela excitação de terminações nervosas sensíveis aos estímulos dolorosos e classificada de acordo com o seu lugar, tipo, intensidade, periodicidade, difusão e caráter”.²⁴

Segundo aquele dicionário, a dor pode ter várias origens: um desgosto do coração, a perda de alguém, uma desgraça, compaixão ou remorso, entre várias outras; pode estar associada a uma doença crónica ou outra; pode ser uma dor espiritual ou existencial; pode aparecer ligada a um qualquer órgão do corpo humano. Pode, por isso, ser manifestação de um sofrimento físico ou moral.

“Em si a dor não tem sentido. É um sinal biológico que passa ou fica bloqueado.”²⁵

Constitui um sintoma de alerta, indicador de que algo não está a funcionar bem no organismo e que implica descobrir-lhe a causa.

A Ciência tem investido esforços para a diminuição ou superação total da dor e isso é, hoje, uma realidade possível em muitas situações, no entanto, ainda não foi capaz de anular o sofrimento.

Quando o sofrimento está associado a uma dor específica, provavelmente, ele desaparece quando aquela é eliminada. Todavia, a dor não se circunscreve apenas no âmbito da dimensão física, já que, uma dor física intensa sobrepõe-se e absorve toda a atenção do sujeito que a sente.

²⁴ AAVV, Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2003, 1397.

²⁵ B. CYRULNIK, *Resiliência. Essa Inaudita Capacidade de Construção Humana*, Horizontes Pedagógicos, Lisboa, 2001,40.

Como refere Maria José Costa Macedo:

“Uma dor localizada intensa sobrepõe-se ao todo que o sofredor é. Esmaga-lhe o espaço. Isto faz com que o eu sofredor (...) reflua até ao mínimo de si, último reduto de si próprio, esvaziado de toda a autodefinição significativa, cortado de toda a relação vivida com o espaço, o mesmo acontecendo com o tempo e, portanto, degradando-se a uma espécie de infratempo e defrontando-se com uma permanente incapacidade de representação”.²⁶

Deste modo, compreende-se que dor e sofrimento podem influenciar-se reciprocamente. Porque uma dor nunca é apenas física; na presença de uma dor forte num determinado órgão, o ser humano é afetado não apenas no órgão que dói, mas em todo o seu ser.

Enquanto ela permanece, aquele que padece torna-se física e psicologicamente tolhido e, inclinando-se sobre essa dor, toda a sua atenção, força e vontade têm apenas um propósito: eliminá-la. Só depois consegue emergir daquele estado de prostração em que se encontrava, sentindo-se, de novo, um Homem inteiro.

Quando alguém é afetado por uma artrose numa das mãos, por exemplo, não se trata só de uma articulação inflamada que provoca sintomas dolorosos, mas essa patologia influencia a pessoa na sua totalidade, visto que, pode implicar incapacidade nos movimentos e impossibilidade de realização de determinadas funções e pode provocar, ainda, tristeza e ansiedade pela dependência sentida. Não é só a mão que dói; é muito mais do que isso.

Pois, como afirma Samuel Dimas:

“A dor desce até à nossa essência, dissipando a nossa alma dos estados de frivolidade e divertimento superficial em que se encontrava. E a dor que dá à vida a sua gravidade. A dor despoja o nosso ser interior daquilo que tem e inclina-o sobre aquilo que é, revelando-lhe o sentido perdido e conferindo-lhe uma importância infinita”.²⁷

²⁶ M.J.C. MACEDO, *A Dor e o Sofrimento – Abordagens. Existência e Sofrimento*. Campo das Letras, Porto, 2001, 258-259.

²⁷ S. DIMAS, *A redenção do mal e do sofrimento em Louis Lavelle*. Centro de Estudos de Filosofia, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013, 52.

E, continua:

“O sentido da dor é obrigar-nos a transpor-nos para um estado que a ultrapasse, não, num sentido de regresso à situação anterior, mas num sentido de progresso para um estado superior de desenvolvimento e crescimento humano. Não há na vida interior nenhuma região em que o sofrimento não possa penetrar e toda a nova aquisição é ocasião de uma nova mágoa e condição de uma nova conquista.”²⁸

3. Sofrimento

“Sofrimento é uma vivência de ordem física, psíquica ou moral que sobrevém ao sujeito dotado de conhecimento, pelo que constitui uma experiência profunda da sua finitude e dependência”²⁹

O debate acerca do sofrimento é antigo e inscreve-se, de algum modo, na problemática do mal.

No AT, diz Maria da Conceição B. de Sousa,³⁰ o sofrimento é visto como uma consequência do pecado cometido pelo Homem e concebe-o como um instrumento pedagógico nas mãos de Deus.

Jesus não vem eliminar o sofrimento mas curar e consolar o Homem que sofre.

Diz B. de Sousa, “Com a morte na cruz, Cristo torna o sofrimento bem-aventurança”.³¹ Nesta linha de pensamento, o cristianismo vai apresentar o sofrimento como uma condição necessária para alcançar a salvação.

Durante muito tempo a Igreja católica fez uma abordagem bastante penalizante acerca do corpo e dos desejos, promovendo a disciplina e a própria mortificação como meios de alcançar as virtudes propostas no Evangelho. As próprias Bem-Aventuranças podiam parecer uma visão masoquista do sofrimento.

No final da Idade Média assiste-se à revalorização da devoção da *Paixão de Cristo*:

²⁸ *Ibidem*, 55.

²⁹ M.C.B SOUSA, “Sofrimento”, *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 4 (1992) 1254.

³⁰ Cf. *Ibidem*, 1255.

³¹ *Ibidem*, 1256.

“ «Aquele coroa de espinhos da tua cabeça..., ó bom Jesus, é para mim a mais suave almofada para a cabeça; e para mim é um doce leite o madeiro da tua Cruz, nele nasço e sou nutrido (...)» (cit.seg. E. Auerbach, *Mimesis, Dargestellte Wirklichkeit in der abendland. Literatur*, 1959,57) „³²

O sofrimento estava inscrito no destino do ser humano e este, conformando o seu sofrimento com o sofrimento de Cristo, aceitava-o resignadamente, acreditando na garantia da salvação.

O mundo era considerado um “vale de lágrimas” e os homens, “degredados filhos de Eva”, passavam por esta vida “gemendo e chorando”, na esperança de um dia, alcançarem a vida eterna.

No extremo oposto desta linha de pensamento em relação ao sofrimento e ao sofrer, está a sociedade atual. O sofrimento é uma realidade que se manifesta de múltiplas formas fazendo parte da realidade humana, no entanto, é hoje, tendencialmente, encarado como algo estranho, que assusta e paralisa; perante uma situação de sofrimento extremo fica-se, muitas vezes, sem palavras e sem ação.

Sofremos. E agora?

Como afirma B. de Sousa “o sofrimento permanece uma ferida em aberto”³³ A ambição humana de compreensão do sofrimento conhece limites. Na verdade, não se consegue explicar o porquê do sofrimento e não é possível erradicá-lo total e definitivamente; o que importa é aprender a viver com ele e perceber que pode constituir uma oportunidade de crescimento.

Dor e sofrimento, embora distintas, são experiências únicas, íntimas e solitárias.

Diz António Gedeão no seu *Poema de um Homem Só*: “ [...] Quem sente o meu sentimento sou eu só, e mais ninguém. Quem sofre o meu sofrimento sou eu só, e mais ninguém. Quem estremece este meu estremecimento sou eu só, e mais ninguém. [...] ”³⁴

³² *Ibidem*, 1257.

³³ *Ibidem*, 1258.

³⁴ A. GEDEÃO, *Poema de Um Homem Só* in

http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/antonio_gedeao/homem_so.html acedido a 21 de março de 2019 às 19:00.

Para Osswald, dor e sofrimento embora sejam expressões muitas vezes utilizadas como sinónimas, não o são. Segundo este autor, pode inclusivamente existir sofrimento sem dor e, embora menos frequentemente, existe a possibilidade de haver dor sem sofrimento.

Se é verdade que existe grande evolução na medicina no sentido de minimizar a dor, também é verdade que a questão do sofrimento escapa, mais facilmente, ao controle humano.

Segundo Samuel Dimas:

“Ao contrário da dor física, que se situa na relação do corpo com as coisas, o sofrimento situa-se no plano das nossas relações com os outros seres: a possibilidade de sofrer mede a intimidade e a intensidade dos laços que nos unem a uma outra consciência. Daí que a indiferença se apresente como uma proteção contra o sofrimento. A capacidade de sofrer é proporcional à afeição que experimentamos por alguém. Ao contrário das relações com as coisas, que têm interesse no instante, as relações com as pessoas têm interesse na vida inteira, na duração temporal e na eternidade. Muito mais interior que uma sensação, que se situa ao nível do perigo da vida corpórea, o sofrimento remete-nos para o plano espiritual, num alcance de ordem metafísica: o sofrimento que experimentamos através do corpo é o sofrimento do nosso ser integral.”³⁵

Neste trabalho, e na linha de P. Ricoeur, utilizo o termo “dor” para me referir aos efeitos sentidos nos órgãos do corpo humano, e o termo “sofrimento” enquanto relacionado com “os efeitos suscitados sobre a reflexividade, a linguagem, a relação a si, a relação ao outro, a relação ao sentido, ao questionamento [...]”.³⁶

Ou seja, considero a dor como a sensação incómoda, mais ou menos forte, que atinge a pessoa na sua dimensão fisiológica, muito embora e como já fiz anteriormente referência, seja a

³⁵ S. DIMAS. *A redenção do mal e do sofrimento em Louis Lavelle*, 52.

³⁶ RICOEUR, P., “O psiquiatra diante ao sofrimento”, *Psychiatrie française*, número especial, Junho de 1992 e “Souffrances”, *Autrement*, nº142, Fevereiro, 1994. Comunicação feita ao colóquio organizado pela Associação Francesa de Psiquiatria em Brest, nos dias 25 e 26 de Janeiro de 1992.

totalidade da pessoa que é afetada e, ao sofrimento, faço uma abordagem filosófica, remetendo-o para as grandes questões existenciais do ser humano.

Não poderia terminar este capítulo sem fazer uma breve alusão ao termo “paixão” (*passio* do latim, significa suportar, sofrer), entendido como “o estado de um sujeito que recebe ou sofre influência de um princípio extrínseco”³⁷

Segundo a Enciclopédia Logos, a um primeiro momento de inércia perante uma paixão, o ser humano é levado a reagir; deste modo, a intensidade da paixão e o seu valor espiritual e moral dependem da correlação entre as ações (estímulos exteriores) e a reação mais ou menos intensa do sujeito.

Embora possam ter uma conotação negativa como fatores de perturbação da inteligência e da liberdade, as paixões podem atingir um elevado grau de intensidade e, deste modo, permitir a realização de grandes e nobres ideais, se forem acompanhadas pela ação.

O Homem deve, para isso, saber governar as paixões para não ficar delas, escravo: “é inegável que, a paixão mal orientada pode ser altamente perniciosa, toldando o espírito e paralisando a liberdade”³⁸

A razão é a faculdade que servirá para orientar as paixões “mantendo-as nos justos limites que definem a virtude moral”.³⁹

Em jeito de síntese, posso dizer que dor e sofrimento não se confundem, pois a dor, beneficiando dos avanços da medicina, pode ser mais ou menos controlada, mas o sofrimento só tem “cura” na esperança e no amor.

³⁷ M. C. FREITAS, “Paixão”, *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 3 (1991) 1310.

³⁸ *Ibidem*, 1311.

³⁹ *Ibidem*, 1312.

Capítulo II - O SOFRIMENTO HUMANO

1. O que é?

O sofrimento não é algo exterior ao Homem. É uma experiência que atinge o ser humano em todas as suas dimensões; requerendo, por isso, respeito e amor.

Acreditando na defesa dos direitos humanos e na tecnologia ao serviço da evolução da humanidade, esperava-se, de certo modo, uma possível erradicação do sofrimento no mundo. Ora, isso ainda não aconteceu.

“O sofrimento humano suscita compaixão, inspira também respeito e, a seu modo, intimida. Nele, efectivamente, está contida a grandeza de um mistério específico”.⁴⁰

O mundo do sofrimento é algo muito amplo e complexo e está presente na vida de todo o ser humano. Pode sofrer-se de muitas maneiras: de tristeza, de desilusão, de abatimento, de perda, de angústia, de desespero.

João Paulo II manifesta-se em relação a este tema do sofrimento como:

“Um campo muito mais vasto, muito mais diversificado e mais pluridimensional que somente o sofrimento físico, o sofrimento da doença. [...] O homem sofre de diversas maneiras, [...] o sofrimento é algo mais amplo e mais complexo do que a doença e, ao mesmo tempo, algo mais profundamente enraizado na própria humanidade. É-nos dada uma certa ideia quanto a este problema pela distinção entre sofrimento físico e sofrimento moral. Esta distinção toma como fundamento a dupla dimensão do ser humano e indica o elemento corporal e espiritual como o imediato ou direto sujeito do sofrimento. Ainda que se possam usar, até certo ponto, como sinónimas as palavras ‘sofrimento’ e ‘dor’, o sofrimento físico dá-se quando, seja de que modo for, ‘dói’ o corpo; enquanto que o sofrimento moral é ‘dor da alma’. Trata-se, de facto, da dor de tipo espiritual e não apenas da dimensão «psíquica» da dor, que anda sempre junta tanto com o sofrimento moral, como com o sofrimento físico. A amplitude do sofrimento moral e a multiplicidade das suas formas não são menores do que as do sofrimento físico”⁴¹

⁴⁰ AAS/ Acta Apostolicae Sedis, 76 [1984], 201 – 250. JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris*, 4, Libreria Editrice Vaticana, Roma, 1984. Daqui em diante citado SD.

⁴¹ JOÃO PAULO II, *SD*, 5.

O sofrimento advém das mais variadas circunstâncias e transporta uma sensação desagradável e de mal-estar que, tendencialmente, se pretende evitar. No seu todo o sofrimento provoca medo.

Voluntaria ou involuntariamente, muitas vezes, é o próprio Homem o causador do sofrimento, seu ou dos outros. Como escrevia S. Paulo aos Romanos: “É que não é o bem que eu quero que faço, mas o mal que eu não quero, isso é que pratico” (Rm 7,19)

Este mal que se provoca vem, frequentemente, do mau uso da liberdade humana. Diz o Padre Vasco Pinto de Magalhães no seu livro *O Mal e o Demónio* que, ao fazermos um ato de maldade, introduzimos o mal, o conflito e a desordem no mundo e estes são fontes de um enorme sofrimento.

Este padre jesuíta, refere que os onze capítulos iniciais da Bíblia revelam os principais quadros de crise entre o ser humano e a sua relação com o bem ou com o mal:

- A questão de Adão e Eva remete-nos para a situação do mal da pessoa consigo própria;
- O episódio de Caim e Abel apresenta-nos o mal nas relações entre irmãos;
- O dilúvio representa os vários atos negativos e desintegradores realizados pelo Homem;
- A Torre de Babel diz respeito ao mal social.⁴²

Todo o mal provoca sofrimento e é desintegrador da condição humana.

Só o Amor pode cuidar do sofrimento do Homem. Aquele que é evitável deve, efetivamente, sê-lo; aquele que não é possível eliminar pode ser cuidado, pode ser acompanhado, transformando-o numa experiência de amor.

Não será possível clarificar o porquê de todo o sofrimento; frequentemente, não existem explicações e mesmo quando, eventualmente, se encontram culpados o sofrimento permanece.

Querer saber o porquê do sofrimento não o elimina e não o integra.

⁴² Cf. V.P. MAGALHÃES, *O Mal e o Demónio*, Edições Tenacitas, Coimbra, 2017, 35-36.

Não é importante racionalizar o sofrimento; é importante senti-lo, dar-lhe espaço e tempo e, depois, aceitá-lo, não de um modo resignado e conformista, mas com a esperança de superação. O sofrimento é sempre um excesso; quando se sofre muito, sofre-se demais.

Apesar de o sentirmos como algo estranho, não se deve viver ignorando que o sofrimento é uma realidade que é parte possível do ser-se humano; é essencial, por isso, acolhê-lo, encará-lo e, como refere Viktor Frankl, “ter a coragem de sofrer”.⁴³

2. O que o provoca?

O Papa Francisco, durante a sua viagem apostólica ao Equador, Bolívia e Paraguai em 2015 e por ocasião da participação no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, fez referência aos três “T” a que todas as pessoas têm direito para viverem humanamente: Terra, Teto, Trabalho.⁴⁴ O Padre Vasco P. Magalhães acrescenta outro: Ternura.⁴⁵ A sua ausência (de um ou de vários) provoca amplo sofrimento ao Homem e está na origem dos grandes dramas sociais.

São múltiplas as causas de sofrimento: miséria, morte, doenças, más relações humanas, injustiças, perseguições, entre muitas outras. E sofre-se, também, pelo medo de sofrer.

Refere P. Ricoeur⁴⁶, que o ser humano é aquele ser que tem a capacidade de sofrer e de suportar o sofrimento. Este autor reparte o sofrimento em dois eixos: o da relação entre o si próprio e o outro e o eixo do agir e padecer.

Em relação ao primeiro, esboça alguns níveis do sofrimento:

⁴³ V. FRANKL, *Um Homem Em Busca de Sentido*, Editora Sinodal, Brasil, 1985, 49.

⁴⁴ Cf. PAPA FRANCISCO, Viagem Apostólica ao Equador, Bolívia e Paraguai, Discurso no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2015. in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papafrancesco_20161105_movimenti-popolari.html, acedido a 7 de março de 2019 às 18:10.

⁴⁵ Cf. V.P MAGALHÃES, L. NAZARETH, *Se Deus é Bom Porque Sofremos?* Coimbra: Edições Tenacitas, 2015, 58.

⁴⁶ Cf. RICOEUR, P., “O psiquiatra diante ao sofrimento”, *Psychiatrie française*, número especial, Junho de 1992 e “Souffrances”, *Autrement*, nº142, Fevereiro, 1994.

- a) No nível mais baixo impõe-se a experiência do insubstituível; diferente de todo o outro, o sofredor é único; ´
- b) No nível seguinte esboça-se a experiência viva do incomunicável; o outro não pode compreender-me, nem ajudar-me; entre mim e ele, a barreira é intransponível: surge a solidão do sofrer;
- c) A um nível superior, o outro anuncia-se como meu inimigo, aquele que me faz sofrer (insultos, maledicência...). Está presente a ferida do sofrer;
- d) Ao nível mais elevado, desencadeia-se o sentimento fantasiado de ser eleito pelo sofrimento. Como de uma eleição ao contrário; é daí que surge a questão: porquê eu? Porquê o meu filho? É o inferno do sofrer.

Neste primeiro eixo inclui ainda o sofrimento auto-infligido.

No segundo eixo, Ricoeur distingue quatro níveis: o da palavra, o do fazer, o da narração, e o da imputação moral, implicando todas as feridas que afectam o poder dizer, o poder fazer, o poder narrar (-se) e o poder estimar-se a si mesmo como agente moral.

O sofrimento é, inevitavelmente, uma experiência humana individual, que atinge a pessoa inteira e está sempre ligado a uma perda (de pessoas, de capacidades físicas ou intelectuais, de emprego, de paz interior) ou a uma falta (de amor, de compreensão, de justiça, de esperança, de liberdade). A solidão, a perda de alguém, a inveja, o egoísmo, a violência (física e psíquica) e o medo são fatores que potenciam o sofrimento.

Diz Leonardo Boff: “ A vida é ontologicamente mortal”.⁴⁷ Esta percepção que o homem tem da sua limitação e da finitude das possibilidades da vida, quando sonha e deseja a imortalidade, provoca uma enorme angústia.

“O que o sofrimento veio trazer foi a mensagem de quanto o existir tem de ser único, incluindo a relação que, entre outras banais, também deve ser única: que um simples existir sem necessidade é como não existir, daí até a possibilidade de suicídio”⁴⁸

⁴⁷ L. BOFF, *Como pregar a Cruz hoje numa Sociedade de Crucificados?* Editora Vozes, Lda., Petrópolis, 1985, 11.

⁴⁸ M.J.C. MACEDO, *A Dor e o Sofrimento – Abordagens. Existência e Sofrimento*, 260.

Perante uma experiência mais ou menos dramática, pode cair-se no estado de melancolia.

Freud define-a deste modo:

“Desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição”.⁴⁹

Também no contexto de pessoas no fim da vida, o sofrimento está muito presente, quer pelas dores físicas provocadas pela doença, quer pelo sofrimento provocado pela perda de autonomia, pela sensação de abandono ou de inutilidade, no fundo, pela perda do sentido para a vida ou da vida como sentido.

A questão da duração do sofrimento pode ser outro fator determinante, pois o modo de viver um sofrimento que se sabe provisório (uma doença curável, por exemplo) é, tendencialmente, diferente, daquele em que se vive um outro sofrimento, que se sabe permanente e irreversível.

A busca de sentido para o sofrimento, para a vida e para a morte, é essencial para todo o ser humano viver, verdadeiramente, como humano.

Não sendo capazes de evitar todo o sofrimento, devemos saber como o viver da melhor maneira e perceber que uma situação dolorosa pode ser ocasião de crescimento interior. Então, talvez se possa afirmar que aquilo que, na realidade, provoca sofrimento é a ausência de sentido potenciado pela possibilidade de aniquilação.

Afirma o professor Américo Pereira:

“É o mal da possível aniquilação que provoca o sofrimento: é a ameaça da impossibilidade de ser que provoca o sofrimento. A simples dor, limitada, anulável, não pode ser confundida com o sofrimento: sendo limitada, anulável, onde está, nela, o sofrimento? Saber-se que a dor é anulável, impede que se possa sofrer neste sentido: o lugar espiritual do sofrimento é ocupado pela certeza de que ele vai acabar. A esta certeza chama-se esperança e a esperança impede o sofrimento. Então, só há sofrimento, quando não há esperança, absolutamente”.⁵⁰

⁴⁹ S. FREUD, *Luto e Melancolia*, Cosac & Naify, S. Paulo, 1914, 1.

⁵⁰ A. PEREIRA, *A Crise do Bem – Reflexão sobre Job e o Sofrimento*. Covilhã: Lusosofia Press, 2014, 125.

3. Como se vive?

A sociedade tem vindo a sofrer várias alterações: a perda de influência das estruturas de referência (família e Igreja), grande precariedade no mercado de trabalho, revolução dos meios tecnológicos e de comunicação, multiculturalidade e um sistema educativo cada vez mais alargado. As perspetivas de um futuro estável e seguro são substituídas por sentimentos de incerteza e de imprevisibilidade. Todos estes fatores podem ser potenciadores de situações dolorosas e os jovens precisam de aprender a aceitá-las e vivê-las de um modo responsável e com esperança.

Todo o Homem, no decorrer da sua vida, pode ser sujeito a tensões, a inquietudes, a sofrimento, a agressões, a situações graves e, por vezes, desesperantes.

Diz João Paulo II: “Só o homem, ao sofrer, sabe que sofre e se pergunta o porquê; e sofre de um modo humanamente ainda mais profundo se não encontra uma resposta satisfatória”⁵¹

Ouve-se, muitas vezes, a afirmação “não tenho medo de morrer mas sim de sofrer”. O sofrimento tem este caráter incontrolável e aterrorizador.

A este propósito, e segundo diz Juan Ambrosio comentando LLuis Duch, “mais do que nascer humano, o ser humano aprende a ser humano [...]”.⁵²

O Homem sofre por saber que pode sofrer, mas não é essa característica propriamente sua? Como é que é possível aprender a ser humano ignorando esta especificidade de sofrer com o sofrimento?

Normalmente, tenta-se descobrir o porquê do sofrimento, justificar o mal e arranjar culpados.

Mas será possível explicar todo sofrimento? Ou evitá-lo?

Perante uma situação dolorosa surge a indignação e a revolta; “porquê a mim?” É uma das primeiras questões que pode surgir mas, a maior parte das vezes, não tem resposta.

⁵¹ JOÃO PAULO II, *SD*, 9.

⁵² J. AMBROSIO, *Dimensão Religiosa e Condição Humana*. Texto não publicado para uso dos alunos do mestrado em Ciências Religiosas, para a disciplina de Didática Específica de EMRC, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017, 4.

Visto que não nos achamos merecedores de tal sofrimento, encerramo-nos no nosso mundo a lambar as próprias feridas e a lamentar a injustiça do mundo. Escolhemos ser vítimas.

No entanto, esta posição de vítima é muito perigosa, porque não oferece a possibilidade de superação. Perante uma situação de dor e de sofrimento, podemos fechar-nos no *nosso eu* e nutrir uma imensa piedade para connosco, ou então, assumir que situações destas acontecem a cada minuto pelo mundo inteiro e perceber que sofrimento não é um exclusivo meu.

Sofremos. E agora? Agora é necessário aprender a tornarmo-nos mais humanos e essa possibilidade é uma escolha. A vida não é estática e, como tal, o ser humano está sempre em construção.

Deus não cria o ser humano acabado e perfeito, mas dá-lhe a possibilidade de, com Ele, ser co-criador do mundo. Não somos acionados por um qualquer controlo remoto, nem somos feitos de plástico. E ainda bem. Se assim fosse, certamente não sofreríamos, mas também não teríamos a capacidade da alegria, da tristeza, do encanto, da indignação e do amor.

E chamar-se-ia, a isso, vida? Dotados de inteligência, vontade e liberdade, somos chamados a ser colaboradores de Deus na construção do Seu reino neste mundo.

Cada situação limite constitui, assim, uma oportunidade de crescimento e de transcendência; ou seja, significa passar de uma dimensão a outra, superior; inclui a ideia de superação, de ir mais além do que aquilo que é apenas imanente. Não estando fora da matéria, ultrapassa-a, para atingir uma realidade maior. Deste modo, sempre que o Homem se transcende, aproxima-se do projeto de Deus para a humanidade, tornando-se, deste modo, mais humano.

Todavia, no nosso espaço cultural, como é que se vive, o sofrimento? O grande problema atual é o facto de o debate acerca do sofrimento ter sido, em grande medida, arredado do espaço público. O sofrimento e a morte são duas realidades que se pretendem ocultar, não só às crianças e aos jovens, mas à população em geral. São considerados temas de mau gosto, quase tabus e não são bem aceites nos parâmetros culturais do Homem de hoje.

O modelo do Homem contemporâneo mostra um ser socialmente ativo, eficiente, saudável e com legítimo apreço pela sua própria imagem.

Sofremos. E agora? Agora é melhor não falar disso.

No entanto, o Homem continua a sofrer e a saber que sofre e, isso, é algo que incomoda muito.

Referindo-se a L. Lavelle, Samuel Dimas afirma que as atitudes negativas perante a dor e o sofrimento são quatro: abatimento, revolta, separação e complacência.

“O abatimento dá-se no âmbito de uma dor intensa que impede a atividade livre de se exercer. Por ação da dor, a consciência pode entrar num estado de prostração, desmoronando-se a nossa capacidade de iniciativa [...].

A revolta mostra a nossa impotência, tornando impossível que a atividade construtiva tire partido da dor para edificar um mundo novo. Neste caso, o mal não reside na dor, mas sim na atividade que se lhe aplica, que em vez de procurar descobrir-lhe sentido e que em vez de procurar encontrar nela uma provação que é necessário ultrapassar para a consciência crescer e fortificar-se, toma-a como pretexto para se revoltar contra a própria vida. [...].

Esse momento de gravidade, que penetra a nossa intimidade mais secreta, leva-nos muitas vezes a encerrar-nos na solidão e a separar-nos dos outros homens. Torna-nos atentos apenas a nós e indiferentes a tudo o que nos rodeia, produzindo uma verdadeira separação que nem a simpatia ou a piedade conseguem vencer. A dor torna-se um mal, porque leva ao rompimento das relações com o mundo, num egoísmo doloroso. [,,].

A complacência é o contrário da revolta, mas não deixa de ser uma atitude negativa, porque se procura nutrir a dor no fundo de si, retirando-se dela uma espécie de volúpia ou gozo amargo. Uma vez que o sofrimento pertence ao nosso ser mais pessoal, parece que a dor nos enaltece. [...]”.⁵³

Todas estas atitudes são negativas e não conduzem a sítio algum. O vazio de muitas existências pode ter aqui a sua explicação.

Saber perder (pessoas, prestígio, posição, saúde) é tão ou mais importante, do que saber ganhá-los.

⁵³ S. DIMAS, *A redenção do mal e do sofrimento em Louis Lavelle*, 52-53.

Preocupamo-nos com o sucesso e investimos em bens materiais, que garantem “segurança” e realização pessoal. Mas alcançados esses objetivos acontece, muitas vezes, uma sensação de vazio e de insatisfação. Onde buscar a felicidade? Será que não passa de uma ideia ou de um ideal de vida? Que coisa é esta tão ambicionada e que tão facilmente se nos escapa?

R. Cabral diz que a concepção geral da felicidade aponta para “uma experiência de plenitude, satisfação resultante da obtenção daquilo a que o sujeito tendia ou aspirava”.⁵⁴

No entanto, nem sempre a obtenção do que se pretende transporta felicidade; então, conclui R. Cabral, que existem *pseudo felicidades* que não correspondem à verdadeira felicidade. Esta, resulta da realização daquilo que humaniza e aperfeiçoa o ser humano. “A felicidade é resultante de se ter alcançado o bem que satisfaz uma aspiração autenticamente humana [...]”.⁵⁵

A felicidade não significa ausência de dificuldades, de tristeza ou de sofrimento, mas a capacidade única do ser humano de os superar. Um casamento feliz não é aquele que nunca se defrontou com problemas, mas sim aquele que conseguiu ultrapassá-los.

A questão consiste em apontar a felicidade como um fim a atingir: “eu só quero ser feliz”. É um empreendimento humano ambicioso que aparece projetado no futuro, mas que, dificilmente, se alcança; na realidade, para se sentir realizado e feliz, o Homem precisa de viver intensamente o presente, realizando os vários projetos a que se dedica, individuais ou coletivos, com empenho e com sentido.

T. de Chardin⁵⁶ faz referência a três formas opostas de felicidade:

A felicidade de tranquilidade, em que o homem feliz será aquele que não se aborrece nem se esforça; a felicidade de prazer, em que o objetivo não é agir ou criar, mas sim aproveitar, e a

⁵⁴R. CABRAL, “Felicidade”, *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 2 (1990) 475.

⁵⁵*Ibidem*, 476.

⁵⁶ Pierre Teilhard de CHARDIN, padre jesuíta, teólogo e filósofo francês (1881-1955), procurou construir uma visão integradora entre Ciência e Teologia.

felicidade de crescimento, que “é o sinal, o efeito, e como que a recompensa da ação convenientemente dirigida”.⁵⁷ Esta é a verdadeira felicidade.

Felicidade, portanto, não é sinónimo de andar sempre contente ou a rir; é, antes, a concretização do possível bem.

A humanidade não pode deixar de aspirar à felicidade, pois este desejo profundo pode ser a mola impulsionadora para a realização do bem. Só o bem realiza e humaniza o Homem e isso é a fonte da verdadeira felicidade.

É preciso mostrar aos jovens que o importante não é o que se tem, mas sim a atitude perante o que se tem, e o autoconhecimento torna-se, neste campo, fundamental.

É necessário valorizar a dimensão interior, perceber o que sentimos e porque sentimos. O Homem é um ser de relação e devemos educar os jovens para a experiência do encontro, da beleza, do assombro, da contemplação e da ação.

Segundo Viktor Frankl, fundador da Logoterapia,⁵⁸ o que o homem quer, verdadeiramente, é ter um motivo para ser feliz; assim que este surge, surge a felicidade.

Em virtude daquilo que Frankl chama a “vontade de sentido”, o Homem, por um lado, tende a buscar o sentido e a realizá-lo, mas também procura o encontro com o outro a quem possa amar e que o ame.

Nesta realização e nesta relação encontra o motivo para ser feliz. É isto que os jovens precisam: encontrar finalidades que os motivem, que os realizem e que os façam felizes.

O problema dos dias de hoje é, segundo Frankl a frustração existencial em que o ser humano vive, ou seja, o sentimento da falta de sentido da sua própria existência.

⁵⁷ P.T CHARDIN, “Sobre a Felicidade”, Conferência feita em Pequim a 28 de Dezembro de 1943, 4; in <https://teihardianos.files.wordpress.com/2012/06/sobre-a-felicidade-em-teihard-de-chardin.pdf> acedido a 22 de março de 2019 às 12:00.

⁵⁸ A Logoterapia é uma psicoterapia fundamentada na busca de sentido. É um sistema teórico-prático de psicologia, criado pelo psiquiatra vienense Viktor Frankl, que se tornou mundialmente conhecido a partir de seu livro *Um Homem em Busca de Sentido - Um Psicólogo no Campo de Concentração*, no qual expõe suas experiências nas prisões nazis e lança as bases de sua teoria.

Ora, muitos dos nossos jovens vivem entediados, sem horizontes e sem esperança. Tudo é um tédio e refugiam-se nos prazeres chamados virtuais. O vazio interior é, também, potenciado pela falta de recolhimento. As pessoas fogem de si próprias, numa tentativa desesperada de ignorar o vazio das suas vidas, mas quanto mais fogem, mais a frustração se instala.

Diz V. Frankl:

“Considero o ritmo acelerado da vida de hoje uma tentativa inútil de automedicação para curar a frustração existencial, pois quanto menos conhece o homem o objetivo da sua vida, mais acelera o ritmo da sua vida”.⁵⁹

Pode reconhecer-se, assim, a importância da espiritualidade para o Homem conhecer o objetivo da sua vida. Este é um ser relacional e a espiritualidade permite uma relação múltipla consigo próprio, com o mundo e, eventualmente, com Deus. Pressupõe uma perceção do “núcleo” do ser, conferindo identidade existencial: no *eu* profundo, a vida é aberta a algo mais do que ela própria.

A espiritualidade constitui, deste modo, a capacidade da tomada de consciência da riqueza do mundo interior e confere ao Homem a possibilidade de alargar a sua vida e de a tornar mais plena e mais feliz. É, por isso mesmo, uma ferramenta fundamental para o ser humano encontrar consolo e significado em situações de sofrimento.

Num contexto existencial como o que se vive hoje, as pessoas em geral e os jovens em particular, sentem uma enorme dificuldade em encontrar espaços e tempos de silêncio.

E, muitos deles, nem sequer os procuram; uns, porque não têm tempo, outros, porque têm medo de se encontrar consigo próprios, e outros porque nem sequer pensam nisso como algo importante para a vida.

Sabendo que a dimensão espiritual é integrante de todo o ser humano, (sendo esta característica que distingue o ser humano dos outros animais) e sabendo que toda a vida espiritual é dinâmica, comportando momentos de crescimento e momentos de crise, deveria o

⁵⁹ V. FRANKL, *A falta de Sentido na Vida*, Editora Pergaminho, Lisboa, 2017, 104.

Homem procurar momentos de paragem e de interioridade, como condição imprescindível, para aspirar a uma vida mais plena e feliz.

O ser humano tem a capacidade de se interrogar sobre o sentido e o significado da vida, sobre o início e o fim das coisas; sabe-se mortal mas anseia pela imortalidade. É, por isso, fundamental que os jovens consigam refletir acerca das questões fundamentais da sua existência: qual é o sentido da vida? Quais os princípios em que me apoio? Quem sou eu? Qual é a minha missão neste mundo?

Cabe-nos a nós, educadores, ajudar os jovens a interrogar-se e a levantar boas questões, sabendo, no entanto, que as respostas a essas questões só podem ser encontradas num único lugar: na interioridade espiritual de cada um.

É esta possibilidade de abertura à transcendência que diferencia o Homem dos outros animais; o ser humano é habitado por um desejo espiritual de “ir mais além”: de ser mais, de amar mais, de se realizar mais plenamente. O Homem tem a capacidade de se encantar, de se emocionar, de se indignar e de lutar pelo que ambiciona.

Temos de ensinar isto aos nossos jovens. Todo o ser humano tem a felicidade como horizonte; não contentamentos ou satisfações fugazes, mas aquela felicidade que preenche o coração, que faz crescer, que faz amar e que faz o Homem ser cada vez mais Homem.

E, embora não se encontrem receitas prontas para a atingir, existem, no entanto, caminhos que podem e devem ser explorados. Enquanto educadores temos, portanto, a responsabilidade de acompanhar cada jovem na busca do próprio caminho, aquele que conduz à verdadeira felicidade.

O tempo de vida não está isento de provações mas é possível a sua superação e encontrar vida para além delas.

4. Como se pode viver o sofrimento?

Em 2007 o Padre Vasco Pinto de Magalhães realizou umas palestras no Porto, dedicadas a estudantes universitários, sob o tema *Lidar com o Sofrimento*. Citando-o: “Se não lhe encontra o porquê nem o podes eliminar, talvez encontres o como vivê-lo”.⁶⁰

Sofremos, é um facto. Então o que fazer? Que sentido pode o sofrimento ter? Pouco importa perguntar pela origem do sofrimento, mas devemos antes, tentar descobrir onde é que ele nos pode levar.

A maneira como se vive o sofrimento é uma escolha. Podemos ignorá-lo, evitá-lo ou desistir e deixarmo-nos vencer; mas também podemos olhá-lo de frente, aceitá-lo e integrá-lo na vida. Mas não é só a atitude perante o sofrimento que é uma escolha; a atitude perante a vida também o é. Aliás, de certa maneira, ambas estão relacionadas.

Teilhard de Chardin fala de três possíveis atitudes perante a vida e, segundo cada uma delas, surgem três categorias distintas de seres humanos: Os cansados, os *bon vivans* e os ardentes. Os primeiros são aqueles que vivem desiludidos, sem força para alterar o presente, porque não vale a pena, e conseqüentemente, sem esperança de um futuro melhor. São desistentes da própria vida. Outra categoria é a dos *bon vivans*, que gozam cada momento, fartando-se, no entanto, rapidamente do instante presente. Não pensam no futuro nem ambicionam ser protagonistas desse futuro. Finalmente, os ardentes são “aqueles para quem viver é uma ascensão e uma descoberta”⁶¹ Para estes é sempre possível tornar-se mais e melhor.

Penso que, nesta altura, posso tirar uma conclusão: a maneira de cada um encarar a vida está relacionada com o modo como pode viver o sofrimento. Por vezes, não podemos eliminar o sofrimento das nossas vidas, mas podemos escolher a maneira como o vivemos. Perceber isto é fundamental.

⁶⁰ V.P MAGALHÃES, L. NAZARETH, *Se Deus é Bom Porque Sofremos?*, 9.

⁶¹ P.T CHARDIN, *Sobre a Felicidade*, 3.

Este é o desafio. O sofrimento faz parte da possibilidade humana e é necessário aprender a dar-lhe sentido. Como diz S. Paulo: “ Sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados de acordo com o seu desígnio”. (Rm 8, 28)

Ou seja, perante uma situação de maldade provocada por si próprio, o ser humano pode reconhecê-la, emendar-se e pedir perdão ao outro pelo mal causado, constituindo, deste modo, uma oportunidade de crescimento; ou então, numa situação de maldade provocada por outros, pode tentar compreender, aceitar e perdoar, condição necessária para alcançar a paz. E cada atitude é uma escolha.

Há pessoas que passaram por tanto sofrimento e manifestam uma serenidade e paz interior absolutamente desconcertantes. Como?

O Padre Vasco P. Magalhães enumera cinco estratégias humanas de integração do sofrimento: A primeira passa por admitir, ou seja, enfrentar a realidade; depois é preciso relacionar o que se está a viver com outras eventuais experiências anteriores. O terceiro passo é relativizar, ou seja, dar ao acontecimento a dimensão que efetivamente tem. Seguidamente é importante comunicar o que se está a viver e, finalmente, aceitar e encontrar o lado positivo que pode existir em tudo o que acontece. Esta trajetória, não eliminando o sofrimento, constitui uma ferramenta para o viver melhor.⁶²

A esperança aparece, também, como uma realidade fundamental.

Segundo Albuquerque Frutos⁶³, na sociedade atual não se sabe esperar e, muitas vezes, nada existe para esperar. Os educadores diante de um futuro incerto têm a responsabilidade de propor às novas gerações razões para viver e para esperar.

Devem educar para a resiliência, ensinar a renunciar quando têm de renunciar, a superar o imediatismo do desejo de satisfação fácil.

⁶² Cf. V. P. MAGALHÃES, L. NAZARETH, *Se Deus É Bom Porque Sofremos?* 59-60.

⁶³ Cf. E. F. ALBUQUERQUE, “ La Esperanza, Alma de la Educación”, *Misión Jovem*” 431 (2012). Artigo não paginado.

É preciso realçar a importância de adquirir a capacidade de enfrentar as situações adversas e conseguir sair delas, fortalecido; quem é capaz de esperar pelo tempo das coisas, encontra outro sabor nas vitórias.

A resiliência, diz Boris Cyrulnik⁶⁴, “é um processo, um conjunto de fenómenos harmonizados em que o sujeito penetra dentro de um contexto afetivo, social e cultural.[...] é a arte de navegar nas torrentes”.⁶⁵

Segundo este cientista, desde muito cedo, ainda no ventre da mãe, as crianças podem ir adquirindo recursos internos que serão suportes estruturantes para o seu desenvolvimento. Não se nasce resiliente; a resiliência é um processo que vai sendo construindo ao longo da vida. Para que essa possibilidade exista é fundamental o encontro com pessoas e lugares de afetividade, que permitirão ultrapassar o contratempo e reiniciar a vida.

“[...] o resiliente tem de fazer apelo aos recursos interiores impregnados na sua memória, tem de lutar para não se deixar arrastar pelo declive natural dos traumatismos que o fazem cansar-se de lutar, de agressão em agressão, até que uma mão estendida lhe ofereça um recurso exterior, uma instituição social ou cultural que lhe permita sair da situação”.⁶⁶

Outro aspeto muito importante para Boris Cyrulnik, consiste em contrariar a “cultura do *sprint*” em que se vive; os jovens precisam de desacelerar o ritmo das suas vidas e dar às coisas o tempo que elas precisam. As artes plásticas, a música, o teatro, a literatura, o cinema deviam estar presentes, desde cedo, na vida das crianças, pois são fatores que potenciam o seu desenvolvimento emocional.

E como diz Boris Cyrulnik “ Os resilientes aprendem a ser mais fortes do que o sofrimento”.⁶⁷

⁶⁴Boris CYRULNIK, neurologista, psiquiatra, psicanalista, foi um dos fundadores do Grupo de Etologia Humana e dirige um grupo de investigação na Faculdade de Medicina de Marselha.

⁶⁵B. CYRULNIK, *Resiliência. Essa Inaudita Capacidade de Construção Humana*, Horizontes Pedagógicos, Lisboa, 2001, 225.

⁶⁶*Ibidem*.

⁶⁷B. CYRULNIK, “Resiliencia: el dolor es inevitable, el sufrimiento es opcional”

in <https://www.youtube.com/watch?v=IugzPwpsyY>, acedido a 24 de fevereiro de 2019 às 16:55.

Os resilientes não são treinados para a invulnerabilidade; eles, como todos os seres humanos, são, pela sua condição, frágeis e vulneráveis, no entanto, tal como os edifícios anti-sísmicos estão preparados para receber o abalo e permanecerem de pé, também os resilientes adquiriram uma estrutura que lhes permite, apesar do abanão, apesar do sofrimento vivido e apesar das feridas cujos vestígios permanecerão, encontrar uma nova forma positiva de vida.

As alegrias verdadeiras, aquelas que permanecem, vão sendo construídas. É preciso apostar na profundidade e nela encontrar um sentido para a vida.

Para isso é necessário que os jovens tenham disponibilidade para a interioridade e para a contemplação; no seu íntimo mais profundo eles encontrar-se-ão consigo próprios, com os outros e, eventualmente, com Deus.

E, na da tomada de consciência deste encontro único e transformador, provavelmente, conseguirão perceber e descobrir um sentido para a vida.

A interioridade espiritual, possibilita viver o presente com intensidade e com sentido e é condição para a própria transformação e para uma participação comprometida com a realidade.

O projeto educativo deveria, no meu entender, incluir a formação para a espiritualidade nos jovens, para que, desde cedo, sejam capazes de se interrogar acerca das grandes questões da vida e que as saibam refletir.

Só cultivando o espaço interior, o ser humano ultrapassa as suas aparentes fronteiras e o outro revela-se um *outro eu*; partindo do núcleo mais profundo do seu ser, o Homem é capaz de desenvolver o gosto pela beleza e de aprender a decifrar a linguagem simbólica que a define e tem a possibilidade de abrir-se ao sentido da sua própria existência, ampliando-a.

É verdade que o sofrimento é um processo individual e pessoal, pois só eu sofro o meu sofrimento. Todavia, embora não possamos viver o sofrimento de outros, também sofremos com o sofrimento dos outros. Que pai não sofre ao ver o seu filho sofrer?

Numa sociedade individualista como aquela em que vivemos, precisamos de ensinar aos jovens a cuidar de si e a cuidar dos outros.

Perante o sofrimento de alguém é preciso assumir uma atitude de respeito, de proximidade (na justa medida), não apontando, necessariamente, soluções mas, com a nossa presença, contribuir para tornar mais suportável o sofrimento do outro. Não o conseguiremos eliminar, certamente, mas a pessoa que sofre vai sentir-se acompanhada, acolhida e amada na sua fragilidade, dando-lhe coragem e força para “sofrer melhor”. Partilhar os momentos de alegria e de sofrimento é enriquecedor para todos os envolvidos e é uma atitude que humaniza e faz crescer.

Diz S. Dimas citando Lavelle, “O sofrimento da ausência torna mais nítido o valor e verdade da presença”.⁶⁸

Porventura é preciso investir numa cultura do cuidado e da vida. Contra a indiferença e o menosprezo é necessário ensinar a confiar e defender a vida humana. O amor à vida gera vida. O amor cuida, não mata.

A sociedade do futuro depende dos jovens de hoje para se tornar um espaço de amor, de tolerância, de respeito e de solidariedade. Compreender que se faz parte de uma história humana coletiva e conhecê-la, impulsiona à perspectiva de futuro, descobrindo o que se é e o que se pode vir a ser.

A educação pretende ajudar os jovens a tomar consciência do papel fundamental que têm na construção do mundo. O futuro não está escrito nas estrelas; dependerá deles, das suas escolhas, das suas decisões e dos seus atos.

É preciso ensiná-los ir ao fundo das coisas, sem medo.

Sofremos. E agora?

⁶⁸ S. DIMAS, *A redenção do mal e do sofrimento em Louis Lavelle*, 36.

Agora temos de compreender que experiências dolorosas acontecem mas que temos a possibilidade de escolher como as queremos viver e é nessa atitude que reside toda a diferença.

5. Educar para a busca e encontro de sentido

Segundo Isabel Baptista, uma das finalidades primordiais da educação, “é tornar as pessoas capazes de fazer a sua diferença no tempo, contra a indiferença, a descrença, o pessimismo e a tentação da inocência.”⁶⁹

O ser humano, desde sempre se interrogou acerca do sentido da vida e sobre o “para quê” da sua existência. Pensar na vida “com sentido” pressupõe, em primeiro lugar, uma orientação para um determinado fim e, em segundo lugar, perguntar pela sua origem e fundamentos (os alicerces, aquilo que apoia, que suporta); além de orientação, o sentido inclui atribuição de significado.

A questão do sentido situa-se no âmbito da totalidade de cada existência. É a pessoa inteira, em todas as suas dimensões, que está envolvida neste processo.

“Donde é que venho?” “Para que existo?” “Qual é a minha missão na terra?” “O que acontece após a morte?” São perguntas existenciais que têm atormentado o Homem ao longo dos séculos e para as quais busca resposta.

Todos os seres vivos morrem mas o Homem é o único que sabe que vai morrer. Esta certeza angustia e, sabendo-se finito, o Homem anseia compreender-se e compreender o mundo que habita. A pergunta pelo sentido é, portanto, característica da condição humana.

Para viver humanamente o Homem precisa de atribuir valor e sentido à vida, ou seja, buscar um propósito, uma finalidade para a sua existência e precisa de viver a vida, como sentido.

⁶⁹ I. BATISTA, *Dar Rosto ao Futuro: A educação como compromisso ético*. Profedições, Porto, 2005, 39.

Não existem vidas perfeitas no sentido da divina perfeição. Todo o Homem no decorrer da sua vida pode ser sujeito a tensões, a inquietudes, a sofrimento, a agressões, a situações graves e, por vezes, desesperantes. Mas, ainda assim, a vida pode não perder sentido.

Viktor Frankl, autor do livro *Um Homem Em Busca de Sentido* conta, na primeira pessoa, a sua experiência enquanto prisioneiro. Toda a sua família (com a exceção da sua irmã) foi morta em campos de extermínio.

A grande questão que se põe é a seguinte: Como é que é possível que, alguém destituído de todas as pessoas que ama e de todos os seus “bens”, sujeito às maiores violências físicas e psicológicas, a viver em condições limite, construa um horizonte de futuro bom quando tudo o que pode esperar é o sofrimento e a morte? Como é que se sobrevive a isto? Que esperança, que sentido pode ter esta vida?

Como diz V. Frankl, no campo de extermínio quase todos os objetivos da vida estão desfeitos. A única coisa que sobra é "a última liberdade humana", ou seja, a capacidade de escolher a atitude que se assume perante determinadas circunstâncias. Os prisioneiros eram cidadãos comuns, mas alguns comprovaram a capacidade humana de se erguerem acima do destino que para eles os nazis escolheram, ao optarem por serem “dignos do seu sofrimento”.

Após o primeiro confronto com a sua nova realidade, conta Frankl, em que ainda têm a capacidade de sentir (nojo, revolta, indignação, horror, medo), alguns prisioneiros entram num segundo estágio de quase apatia. Passadas algumas semanas no campo os reclusos começam um processo de morte interior e vão-se tornando insensíveis.

Famintos, a trabalhar em condições desumanas e sujeitos a enorme pressão psicológica e ética, a sua única grande preocupação era a preservação imediata da própria vida. Eram gente aos farrapos, exaustos, a lutar pela sobrevivência.

Apesar do primitivismo, tanto a nível físico como espiritual, que toma conta da pessoa num campo de concentração e de extermínio, percebe-se em algumas delas, uma tendência para uma vivência interior – o que Frankl chama de “fuga para dentro de si”.

De entre os reclusos, continua Frankl, despojados de tudo, humana e espiritualmente (família, amigos, saúde, sentimentos, valores, esperança, sentido para a vida, liberdade, vontade), quando todos os seus alicerces são arrancados, quando são reduzidos a quase nada e tratados como seres inumanos, há aqueles, muitos, que desistem. Eles sentem-se já como desaparecidos para o mundo; deixaram de existir. E quem deixa de acreditar no seu futuro está perdido.

Depois, há aqueles, poucos, que assumem uma atitude diferente. Apesar de destroçados vão arrançando um sentido para a sua realidade atual.

Viktor Frankl faz parte destes últimos; ele conta como e porque não desistiu:

“Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, vejo seu olhar como que a exigir e a animar ao mesmo tempo e - tanto faz se é real ou não a sua presença (...) O amor é, de certa forma, o bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana. Percebo agora a redenção pelo amor e no amor!”⁷⁰

Inerente ao sofrimento há, nestes seres humanos, uma conquista interior. A liberdade interior do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até ao fim, configurar a sua vida de modo que tenha sentido.

Pois, continua Frankl, não somente uma vida ativa tem sentido; também o tem aquela vida que dificilmente oferece uma oportunidade de realização, como é o caso da vida de um prisioneiro, mas que lhe reserva, sempre, uma possibilidade de configurar o sentido da existência, precisamente na atitude com que a pessoa se põe.⁷¹

⁷⁰ V. FRANKL, *Um Homem Em Busca de Sentido*, 31.

⁷¹ Cf. V. FRANKL, *Um Homem Em Busca de Sentido*, 23-32.

Perante o sofrimento o Homem precisa de ter coragem. Ninguém pode sofrer por ele; é uma tarefa sua. Mas na maneira como governa este sofrimento está a possibilidade de uma vitória única. Foi o que Job fez.

Citando Gustave-Nicolas Fisher, diz Cyrulnik que “a saída dos campos de concentração não é a liberdade.” E acrescenta: “Quando a morte se afasta, a vida não volta. É preciso procurá-la, reaprender a andar, a respirar, a viver em sociedade.”⁷²

Seguindo a linha de pensamento de V. Frankl, não devemos perguntar o que a vida tem para nos oferecer, mas antes o que pode a vida esperar de nós. Deixamos de ser o sujeito passivo à espera que a vida aconteça para nos tornarmos os protagonistas da nossa história.

Não existe situação que não tenha possibilidade de sentido; trata-se da capacidade de transformar a realidade, tal como ela se apresenta e isso depende da atitude do Homem. Perante determinada circunstância difícil cabe ao ser humano decidir como vivê-la. Está-se no âmbito da liberdade. Toda a vida tem sentido; é, como afirma Frankl, uma realidade ontológica:

“O sentido da vida é uma realidade ontológica e não uma criação cultural. O sentido da vida simplesmente existe: trata-se apenas de encontrá-lo. E mais, o sentido não só deve ser achado, como ele pode ser achado. E nessa busca o homem é orientado pela consciência. Em uma palavra, a consciência é o órgão do sentido, é a capacidade de descobrir o sentido único e irreproduzível que se esconde em cada situação. O que o homem procura não é a felicidade em si, mas uma razão para ser feliz.”⁷³

Cada situação encerra, em si, uma pergunta e cabe a cada Homem responder-lhe. O sentido é único e vinculado a uma situação singular, no entanto, segundo Frankl, existem algumas possibilidades de sentido a que se deu o nome de valores.

⁷² B. CYRULNIK, *Resiliência. Essa Inaudita Capacidade de Construção Humana*, 15.

⁷³ V. FRANKL, *Um Homem Em Busca de Sentido*, 3.

“Os valores, atrelados que são à *conditio humaine*, cristalizam-se nas culturas como universais de sentido, mas, exatamente por serem universais, não podem dar sempre conta do caráter de singularidade e irrepetibilidade de todas as situações. [...]. O sentido que se pode atualizar numa situação é sempre único e não apresenta relação alguma de necessidade com padrões estabelecidos de valores. O sentido é o fator dinâmico; o valor é a abstração de um universal para o sentido.”⁷⁴

Segundo Frankl o ser humano pode encontrar sentido para a sua existência a partir da sua ação criadora contribuindo, deste modo, para o enriquecimento do mundo – são os “valores de criação”; no encontro de amor com outro ser humano – são os “valores de vivência” e ainda através dos “valores de atitude”, através da escolha de uma atitude perante a vida.

Diz este psicólogo: “ Os valores de atitude mostram-se excelentes face aos valores da criatividade e da vivência, na medida em que, o sentido do sofrimento é dimensionalmente superior ao sentido do trabalho e ao sentido do amor”.⁷⁵

Segundo Frankl, O *Homo Faber* conhece apenas duas categorias: o êxito ou o fracasso; pelo contrário o *Homo Patiens* movimenta-se numa outra dimensão, falando-se de realização ou de desespero. E este pode realizar-se não apenas no sucesso mas no maior fracasso, o que aos olhos do *Homo Faber*, só pode ser loucura.

Não poderá estar aqui inscrita a loucura e o escândalo da cruz?

“A linguagem da Cruz, com efeito, é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é força de Deus. [...]. Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus. Portanto, o que é tido como loucura de Deus, é mais sábio do que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Cor 1,18; 22-25).

⁷⁴ I. PEREIRA, Mundo e Sentido na Obra de Viktor Frankl, Universidade Federal do Ceará, *Psico*, 39, 2 (2008) 159-165.

⁷⁵ V. FRANKL, *A falta de Sentido na Vida.*, 109.

A morte na cruz era considerada a mais cruel e vergonhosa, estando destinada aos bandidos, aos escravos fugitivos, aos inimigos do império romano e aos blasfemos. Jesus foi morto, e morto de crucificação, nada o distinguindo de todos os outros condenados a esta pena. Para o mundo judeu e greco-romano, Jesus crucificado, é um falhado e a cruz é irremediavelmente, escândalo e loucura.

A cruz, no mundo cristão, representa um outro paradigma. O que parecia ser o maior e mais terrível fracasso, tornou-se no *Homo Patiens*, o maior sucesso e a maior elevação. A cruz torna-se sinal de vitória.

“A Cruz quer-se na sua total nudez e crueza, como sinal de contradição entre a sabedoria de Deus e a sabedoria do mundo, entre os caminhos de Deus e os caminhos dos homens. Pois bem, à luz da sabedoria de Deus manifestada na ressurreição, o crucificado não é um maldito, um falido, mas o verdadeiro Filho de Deus, o Cristo, o Salvador da Humanidade. A Cruz não significa aniquilamento, mas vitória definitiva, de uma vez por todas, sobre a morte”.⁷⁶

Podemos, assim, concluir que é a nossa vida que faz a pergunta acerca do sentido, não nós. Perante uma situação concreta o que importa é discernir qual é a melhor atitude a adotar, podendo inclusivamente, transformar o sofrimento numa vitória pessoal.

Falar deste tema com naturalidade aos jovens parece-me que pode ser um bem para a sua formação. Não se trata de procurar ou promover o sofrimento mas, na sua possível inevitabilidade, é fundamental saber integrá-lo como realidade presente na vida.

Podemos então dizer que o problema não é o sofrimento, mas o sentido que lhe damos. O sofrimento adquire sentido através do que somos capazes de fazer dele: pode-nos conduzir ao desespero, ao desalento ou mesmo à morte mas, para quem o conseguir acolher, pode levar à descoberta da essência espiritual da vida.

E “espiritual” não significa “religiosa”, no sentido de pertença a uma qualquer tradição religiosa.

⁷⁶J. F. FERREIRA, “Cruz, Sinal de Contradição”, *DIDASKÁLIA* XIV (1984) 3-10.

A dimensão espiritual é estruturante do ser humano; aprofundando-a, adquire-se maior consciência de si mas também dos outros e do Outro. Corresponde a uma dimensão antropológica com capacidade e potencialidade para abertura à transcendência; é a abertura ontológica do ser e ao ser.

Neste sentido, saber acolher a dor e o sofrimento pode ser uma experiência libertadora pois, entrando na mais profunda intimidade do nosso ser, descobrimos o verdadeiro sentido da vida.

O sofrimento pode ser o motor que leva a perceber o que realmente importa e pode constituir uma oportunidade de desenvolvimento das potencialidades do ser humano e de realização do sentido mais profundo da vida.

Disse uma vez Goethe:” Não existe situação alguma que não se possa enobrecer, seja realizando, seja suportando.”⁷⁷

Nunca falando de Deus, ViKtor Frankl fala do Amor (dado e recebido) como o grande remédio para o sofrimento humano. Porque também nos campos de concentração e de extermínio se encontram gestos de amor: quando o chefe do campo deu, em segredo, dinheiro do próprio bolso para que se pudesse arranjar medicamentos para os reclusos; quando os prisioneiros se ajudaram mutuamente; quando alguém impediu que alguém *entregasse os pontos*; quando um capataz passava, furtivamente, a um recluso um pedaço de pão; quando uma palavra e um olhar mostravam afetividade.

Para concluir este capítulo, ocorre-me apenas dizer que considero o projeto educativo como o empreendimento de toda uma vida, tendo como horizonte a transformação do tempo e do que espaço em que se vive e também da própria pessoa, contribuindo, assim, para a verdadeira humanização da sociedade.

⁷⁷ Manuela, MELO, “Porque Sofremos?” in <https://arautofm.com.br/Blog/mensagem-do-dia/132952/por-que-sofremos>, acedido a 4 de março de 2019 às 19:00.

Capítulo III – DA REFLEXÃO TEOLÓGICA ACERCA DO SOFRIMENTO

O ser humano é um ser em permanente questionamento e em incessante busca de sentido para a sua existência. É um ser paradoxal e de extremos em que a finitude é uma certeza mas que aspira à eternidade e, em que se confrontam, a sua dimensão animal e o desejo de plenitude e de felicidade.

Quando somos acometidos por uma situação dolorosa, muitas vezes, surgem sentimentos de frustração, raiva, desalento e fracasso. Por que é que isto me está a acontecer? Também a fé se torna inquisitiva nestes momentos: “Onde estás Senhor”? “Por que me abandonaste”? “Como permites esta tragédia na minha vida”? Entramos, então, num processo de autocomiseração e parece que nada consegue evitar o estado de prostração que vamos alimentando.

Se por um lado proclamamos um Deus bom e onipotente, por outro lado, vivemos num mundo de ódios e violência. Se Deus é amor, como se compreende o mal no mundo? Como é que Ele permite as guerras, a fome, as doenças? Todas estas questões são, muitas vezes, ocasião de conflito entre crentes e Deus e entre crentes e não crentes e, eventualmente, até de negação de Deus; perante uma situação de sofrimento “não resolvida” por Deus, a pessoa, que antes até se considerava crente, sente-se agora desiludida com a indiferença divina e conclui que, afinal, não é possível Deus existir. É o que poderia ter acontecido a Job.

Onde está Deus quando sofremos? Onde estava Deus nos campos de extermínio?

Deus estava lá: junto daqueles prisioneiros que, apesar de destroçados, vão arranjando um sentido para a sua realidade atual; junto das famílias separadas que lutavam contra o desânimo; junto dos carcereiros que, em segredo, tentavam aliviar, de algum modo, aqueles seres humanos excluídos da Humanidade; junto daqueles que ofereceram a sua vida na vez de outros. Deus estava em todos os que souberam ser sinal do Seu Amor.

Segundo o Padre Vasco Pinto de Magalhães, Deus é onnipotente em amor, podendo tudo aquilo que o amor pode: criar, salvar, perdoar, dar sentido.

O sofrimento *pode ser* ocasião de revelação e de transformação. Quem sou eu quando soffro?

Um ser perdido nas trevas do meu sofrimento ou alguém com capacidade para ver para além disso?

“O mundo do sofrimento humano almeja sem cessar, por assim dizer, outro mundo diverso: o mundo do amor humano; e aquele amor desinteressado que vem do coração e transparece nas acções da pessoa que sofre; amor que esta deve, aliás, em certo sentido ao sofrimento. O homem que é o «próximo» não pode passar com indiferença diante do sofrimento de outrem; e isso, por motivo da solidariedade humana fundamental e em nome do amor ao próximo. Deve «parar», «deixar-se comover», como fez o Samaritano da parábola evangélica.”⁷⁸

Perante o sofrimento dos outros devemos deixar-nos comover e, deste modo, o sofrimento também pode impelir ao Amor. A experiência do sofrimento pode ser, deste modo, um ato privilegiado para amar e ser amado.

E por isso se compreende que a relação entre dois seres é, também, tanto mais íntima e próxima quanto mais sofreram em comum e um pelo outro; é uma relação que estabelece e alimenta vínculos fortes recíprocos; é aquela da mais perfeita amizade enquanto entrega gratuita ao outro.

Como refere R. Cabral, a amizade “é sobretudo caracterizada pela reciprocidade do afeto – realizando assim uma das mais profundas aspirações do amor [...]”⁷⁹. Sofrer em comum e um pelo outro, pode levar à concretização de uma amizade no seu sentido mais pleno e absoluto.

Como cristãos, somos chamados a saber assumir o sofrimento nas diversas circunstâncias da vida e a ter compaixão para com os que sofrem. Não é possível “sofrer por” alguém, mas “sofrer com” alguém, pode ser acontecimento de revelação e de transformação.

Deus está sempre presente onde existe sofrimento. Jesus revelou-nos um Deus de amor que nos envolve, nos fortalece e nos transforma. Jesus representa o absoluto desse amor;

⁷⁸JOÃO PAULO II, *SD*, 29.

⁷⁹R. CABRAL, “Amizade”, *LOGO, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 1 (1989) 219.

assumindo o sofrimento até ao limite, na oferta da Sua vida por nós e, assim, constitui a razão da nossa esperança. Neste sentido, só a certeza da ressurreição pode dar sentido ao sofrimento.

1. Job, paradigma positivo do Homem crente

Job representa “o modelo ontológico da humanidade.”⁸⁰

Com Job conseguimos compreender a radical pergunta acerca da humanidade, naquilo que ela tem de ontologicamente essencial e que encontramos nesta afirmação do professor A. Pereira:

”O ser humano foi criado como um dom de bem, que é possibilidade de um bem maior, realizável apenas através de seu mesmo acto pessoal, irredutivelmente pessoal, e de nada mais”.⁸¹

Ao longo do livro, Job quer provar a bondade da natureza humana e, ao fazê-lo, confirma a sua fidelidade a Deus. Se Deus criou o Homem essencialmente bom e sendo também possibilidade de um bem maior então, Job com a sua atitude, vai demonstrar isso mesmo: despojado das pessoas que amava, dos bens e da saúde, vai encontrar, no âmago do seu ser, aquilo que ninguém lhe pode tirar: a bondade que é marca da natureza e da essência de qualquer ser humano pelo facto de o ser. Ou seja, o Homem pela graça de Deus, é essencialmente bom e é também possibilidade de um bem maior; no entanto, esta possibilidade é escolha sua. O fracasso de Job constituiria não apenas a ruína da humanidade mas o descrédito no próprio Deus.

Apesar das torturas físicas e morais que sofreu, a fé que Job tinha em Deus vai amadurecendo até que, no final do livro, aparece um Job com uma fé adulta, a única que possibilita o seu encontro transformador com Deus.

⁸⁰ A. PEREIRA, *A crise do Bem*, 47.

⁸¹ *Ibidem*, 48.

A certeza de Job em Deus era uma certeza absoluta, e nada nem ninguém conseguiram abalar a sua confiança neste Pai que é só Amor.

Job define, em termos absolutos, o que é um ser humano, o que é ser pessoa. É, por isso, que A. Pereira afirma que “Esta obra é a epifania da humanidade”.⁸²

Existem, neste livro sapiencial, quase todos os sentimentos e comportamentos que o ser humano pode experimentar. Em Job surgem as grandes questões humanas acerca do sofrimento, da doença, do pecado e do castigo, e o problema de saber se existe alguma relação entre a maneira como se vive e a maneira como a vida nos corre.

Como refere o Professor Américo Pereira, dramas de Job são os dramas da existência humana e as perguntas de Job são as perguntas fundamentais da humanidade.

A pergunta sobre o sentido do sofrimento encontrou, neste livro, a sua maior expressão, pois trata-se de um sofrimento levado ao extremo do que parece ser humanamente suportável.

No início do livro, Job aparece como um homem bom, íntegro e feliz. Tem mulher e filhos, amigos, bens materiais, gado, servos e é temente a Deus. A sua preocupação é que os seus filhos se possam esquecer de Deus e que vivam afastados d’Ele, e, por isso, oferece sacrifícios para que o relacionamento com Deus não se perturbe e possam, deste modo, continuar a ser recompensados como até aí.

É a este homem que vão ser infligidos os mais terríveis sofrimentos: perda dos filhos, dos seus bens e, por fim, uma situação de doença muito dolorosa.

Apesar disso, Job nunca se afasta de Deus: “Saí nu do ventre da minha mãe e nu voltarei para lá. / O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou; / bendito seja o nome do Senhor!” (Jb, 1,21).

Quando Job fica gravemente doente, “Já não há um Job que sofre [...] mas um Job que é sofrimento [...]”.⁸³ O ser de Job coincide com o seu sofrimento. Então Job amaldiçoa o dia em que nasceu mas, ainda assim, não se revolta contra Deus.

⁸² *Ibidem*, 7.

⁸³ *Ibidem*, 12.

“Mais valera não ter nascido [...].Se não tivesse nascido... Mas o sofrimento é precisamente o instrumento de uma lucidez absoluta: mas nasci! Vivo! Vivo uma vida que é sofrimento e dor e angústia. Mas esta vida é tudo. É um absoluto. Mas esta vida é habitada por uma promessa que o sofrimento não apagou ainda: a da fidelidade de Deus a Job; e por uma outra promessa: a da fidelidade de Job a Deus. E, se Deus parece ter-se esquecido da sua promessa, Job não se esquece da promessa de Job: pois esta promessa é, para além do sofrimento, tudo o que resta de Job, tudo o que Job, para além do sofrimento, é – se a perder, nada mais fica do que o sofrimento e este, sem nada que o detenha, aniquilará Job. Então, para além do sofrimento, no e com o sofrimento, Job transforma-se na promessa de Job, promessa que, em escândalo, mais do que em revolta, desafia Deus a cumprir a sua promessa. Ora, é isto mesmo que Deus quer, desde o início. Ao contrário do que possa parecer, Job não desafia Deus, cumpre-lhe o desígnio”⁸⁴

Job é símbolo da vulnerabilidade da condição humana mas também o é da sua força. Segundo a opinião dos amigos de Job, o sofrimento é castigo infligido por Deus pelos pecados dos homens e, deste modo, o sofrimento aparece como um “mal justificado”. Mas Job sabe que não merece esse castigo.

Diz João Paulo II: “Se é verdade que o sofrimento tem um sentido como castigo, quando ligado à culpa, já não é verdade que todo o sofrimento seja consequência da culpa e tenha carácter de castigo”⁸⁵

O sofrimento de Job é, por isso, um sofrimento sem culpa. Job, como todo o Homem crente não só inclui Deus na sua questão, como dialoga com Ele em atitude de fé. “Mas eu vou falar com o Todo-Poderoso e desejo discutir com Deus”. (Jb 13,3)

O drama de Job é o drama universal do sentido. O que o assusta é a falta de sentido para tudo o que está a viver.

Não se queixa do sofrimento, mas de não entender a razão desse sofrimento e o desejo de morte surge como a oportunidade para pôr fim a uma vida dolorosa e sem sentido.

Job sabe que é bom, sabe que não pecou e quer que a sua bondade seja reconhecida. Os amigos julgavam-no culpado mas Job sabia-se inocente e queria prová-lo.

⁸⁴ *Ibidem*, 13.

⁸⁵ JOÃO PAULO II, *SD*, 11.

O que está em causa, além do reconhecimento da bondade do Homem, é o reconhecimento da bondade de Deus.

“É o acrisolamento de Job e a sua redução a uma essência pura, em que não há lugar para algo que não seja a pura presença do bem, que permite a afirmação qualificadamente boa da bondade de Deus, do Deus que criou isto que se revela como bom, depois do processo de acrisolamento”⁸⁶.

A experiência do sofrimento pode ser ocasião de purificação interior e de entrega nas mãos de Deus. Job percebeu isto. Tiraram-lhe o passado e não pode esperar qualquer futuro; Job só tem presente e um presente feito de dor e sofrimento. Só acreditando numa bondade infinita se pode aceitar tão grandes provações. “Quais são as minhas forças para resistir? Que objetivo me prolongaria o desejo de viver?” (Jb 6,11)

Job foi fiel a Deus, mesmo na incompreensão e na revolta; apesar de todas as perdas e de todo o sofrimento ele nunca deixou de confiar no amor do Pai e foi esta atitude que conferiu sentido à sua existência dolorosa.

“O que Job é posto a provar é a exacta presença da mesma bondade inicial, ínsita a todo o ser, como possibilidade – e, nele, realidade – fundadora de toda a criação, mesmo do ser humano, maculado, mas não anulado em sua bondade”⁸⁷.

Como refere K. Heinem na sua obra *O Deus Indisponível*,⁸⁸ a doença fez de Job uma criatura objeto de escândalo e, por esse motivo, tornou-se um solitário.

Todos o consideram um marginal e, mesmo os mais íntimos sentem nojo e afastam-se. Job sente-se abandonado por todos e, pior do que isso, sente-se abandonado por Deus, que permanece silencioso.

⁸⁶ A. PEREIRA, *A crise do Bem*, 22.

⁸⁷ *Ibidem*, 59.

⁸⁸ Cf. K. HEINEM, *O Deus Indisponível – O Livro de Job*, Edições Paulinas: S. Paulo, 1982, 67.

Tal como Jesus na cruz, Job sente a ausência de Deus e isso é, verdadeiramente, a grande razão do seu sofrimento. O passado feliz transforma-se num presente sofrido e, apesar das súplicas desesperadas de Job, Deus permanece distante.

“No seu grito, Job deixa, portanto, bem claro que a resposta que espera não se situa apenas ao nível de um debate de palavras, mas de uma intervenção concreta de Deus, que seja capaz de restabelecer a relação e a existência de Job diante de Deus.”⁸⁹

No fundo, Job como os seus amigos, acreditava na doutrina da retribuição segundo a qual os bons eram reconhecidos por Deus e recompensados e os maus recebiam castigo divino. Ainda hoje, na sociedade laica que é a nossa ouvimos, com frequência, a pergunta “que mal fiz eu a Deus?”, como se Deus fosse o causador do sofrimento sentido. Na verdade, a vida não funciona assim e o Homem não consegue dominar ou compreender os desígnios divinos.

Na vida que tinha antes:

“a doutrina de conexão entre o agir e acontecer parecia confirmar-se magnificamente na felicidade de Job. Somente quando a desgraça e a doença se desabaram sobre ele, [...] é que se abalou a sua fé na retribuição que até então partilhava com os amigos”.⁹⁰

Há muita coisa que supera a compreensão humana e a grande dificuldade humana advém da visão que se tem de Deus; o Homem foi criado à imagem e semelhança de Deus mas, frequentemente, construímos um Deus à nossa imagem e semelhança e não entendemos os porquês que nos atormentam.

No fundo, Job partilhava com os amigos a imagem de um Deus que castiga os maus e recompensa os bons mas, perante todo o sofrimento que viveu sem culpa, Deus tornou-se incompreensível.

Perdido, Job:

⁸⁹ L. ALMENDRA, *Um Debate Sobre o Conhecimento de Deus*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007, 95.

⁹⁰ K. HEINEM, *O Deus Indisponível – O Livro de Job*, 97.

“luta contra o Deus, em que põe toda a sua esperança. Foge do Deus, pelo qual [...] anseia. Deixa-se arrastar pela dúvida na justiça de Deus e ao mesmo tempo confia nesse Deus. Lado a lado situam-se duramente fé e incredibilidade, desespero e confiança, revolta e resignação”.⁹¹

Ao longo do livro, Job percorre um duro caminho de purificação interior e percebe o essencial: a presença do amor de Deus que dá sentido a toda a sua existência.

Com a sua argumentação, Elihu vai ajudar Job a intuir uma outra visão acerca da justiça divina: “[...] A verdadeira questão não é o sofrimento de Job nem a retribuição divina, mas antes a gratuidade da fé, sempre, em todas as vicissitudes da vida humana.”⁹²

Como refere Luísa Almendra o grande papel de Elihu é chamar Job a uma fé adulta, a única que permite um encontro com Deus. Somente uma fé amadurecida permite que Job compreenda “que Deus é justo, não porque se revela justo na sua vida, [...] mas porque intervém na história com um desígnio absoluto de salvação.”⁹³

Finalmente, no capítulo 38, Deus responde a Job, e nesse encontro com o “totalmente Outro”, Job transforma-se.⁹⁴

O encontro com Deus vivo leva Job à conversão e na comunhão da sua vida com Deus, apesar de todo o sofrimento que permanece, Job encontra a verdadeira felicidade interior. Não obteve resposta para o “porquê” do sofrimento,” mas agora veem-te os meus próprios olhos” (Jb 42, 5b) e isso muda tudo.

No epílogo, Deus volta-se para Job cheio de benevolência e restitui-lhe a saúde e a felicidade:

“¹⁰Enquanto Job rezava pelos seus amigos, o Senhor restituiu-o ao seu primeiro estado e aumentou, no dobro, tudo o que antes possuía. ¹¹Todos os seus irmãos, todas as suas irmãs e todos os seus conhecidos de outrora vieram visitá-lo e comeram com ele à mesa, em sua casa. Congratularam-se com ele e consolaram-no de todas as desgraças que o Senhor tinha feito cair sobre ele; e cada um deles ofereceu-lhe uma moeda de prata e um anel de ouro.¹²O Senhor abençoou a nova condição de Job, mais do que a antiga, e Job chegou a possuir catorze mil

⁹¹ *Ibidem*, 136.

⁹² L. ALMENDRA, *Um Debate Sobre o Conhecimento de Deus*, 371.

⁹³ *Ibidem*, 372.

⁹⁴ Cf. K. HEINEM, *O Deus Indisponível – O Livro de Job*, 118.

ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de bois e mil jumentas. ¹³Teve também sete filhos e três filhas; ¹⁴à primeira pôs-lhe o nome de Jemima, à segunda, Quecia e à terceira, Quéren-Hapuc. ¹⁵Em toda a terra não havia mulheres mais formosas que as filhas de Job. E o pai deu-lhes uma parte da herança entre os seus irmãos. ¹⁶Depois disto, Job viveu ainda cento e quarenta anos e viu os seus filhos e os filhos dos seus filhos, até à quarta geração. ¹⁷Depois Job morreu velho e satisfeito com os dias vividos. (Jb 42,10-17).

“Job salva o ser humano e salva Deus para o ser humano”⁹⁵, afirma A. Pereira.

Cada pessoa é uma essência potencial que se vai criando ética e politicamente em sucessivos momentos essenciais da sua vida. E apenas por meio de um ato de amor que ergue o bem de tudo, pode o ser elevar-se ao mais alto de si próprio, realizando-se na perfeição, ensina-nos Américo Pereira. E acrescenta que, ontologicamente, o bem que se fizer a terceiros faz acrescentar a bondade que já tinham, mas o mal que se lhes infligir faz com que as suas possibilidades próprias sejam eliminadas, tornando-os ontologicamente mais pobres.

Todo o ser humano tem um conjunto de capacidades criadoras e de potencialidades próprias; é nisto que reside a grandeza fundamental de todos os seres humanos. E, continua A. Pereira, a pessoa, enquanto pessoa que é, a nada é redutível; é absoluta nisso que é. Sendo o Homem um ser que carrega consigo uma infinidade de possibilidades, existe um resquício de liberdade do espírito humano, de atitude livre do eu frente ao meio ambiente, mesmo numa situação de coação ou de dificuldade. Aquilo que sucede interiormente com a pessoa revela ser o resultado de uma decisão interior. O que define o ato do ser humano como existência é esta capacidade de colaborar, por meio das suas escolhas, na criação do mundo, tornando-se, deste modo, co-criador com Deus. Compete a cada pessoa ser o mais rica ontologicamente possível; quanto mais rico o ato de inteligência, mais riqueza pode promover e maior positividade ontológica introduz na realidade de que faz parte.⁹⁶

⁹⁵ A. PEREIRA, *A Crise do Bem*, 62.

⁹⁶ Cf. A. PEREIRA, texto não publicado para uso dos alunos da Licenciatura em Ciências Religiosas, para a disciplina de Ontologia, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2015.

Aprendemos com Platão, refere Américo Pereira, que o tirano é o mais baixo dos homens e que a tirania é a forma de ação humana que condena o ser humano a posicionar-se num nível ontológico tão baixo que, inferior a tal nível já nada há de humano.⁹⁷

Como refere Manuela Melo, H. Arendt considera que a banalização do mal representa a falta de reflexão e de alteridade.⁹⁸ Foi o que se verificou no Holocausto quando os nazis, mecanicamente obedientes e sem consciência do próprio agir, consideravam os judeus não como seres humanos mas como seres inumanos e sem valor.

Nos campos de extermínio, “Ao ser destituído da sua individualidade, [...] o homem perdia a sua espontaneidade, isto é, a capacidade de pensar, de agir, de começar algo novo. Tornados supérfluos, os homens perdem a sua dignidade,”⁹⁹

Ontologicamente, refere A. Pereira, o ser humano foi criado como um dom de bem, que é possibilidade de um bem maior realizável apenas através de seu mesmo acto e de nada mais, mas então, que absoluto é este que ergue ontologicamente o ser humano como tal?

A Misericórdia é o ato que permite a possibilidade de algo; é o ato de Amor por excelência. É um bem-agir que corresponde à operação ativa de um bem-querer, ou seja, é um querer que o outro seja e seja bem. Esta, é a ação providencial de Deus, dada como possibilidade à criatura humana, isto é, a Misericórdia divina dada como possibilidade de misericórdia humana. É esta a definição do Amor.

O *Livro de Job* é uma extraordinária obra literária que manifesta, inevitavelmente, a quem o lê, confiança e esperança. Perante as várias situações de sofrimento com que Job se vai

⁹⁷Cf. A. PEREIRA, texto não publicado para uso dos alunos da Licenciatura em Ciências Religiosas, para a disciplina de Ontologia, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2015.

⁹⁸ Cf. L. R. KONRAD, “Eichmann em Jerusalém e a Banalidade do Mal: Percepções necessárias para a urgência de uma educação em Direitos Humanos, in <http://univates.br/revistas/index.php/cadped/article/download/909/898> acedido a 06 de fevereiro de 2019 às 19:00.

⁹⁹ N. S. ALMEIDA, *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação cristã – Leitura teológica do pensamento de V. Frankl*, Empresa do Diário do Minho, Lda., Braga, 2017, 40.

deparando, a sua atitude nunca é moralista, derrotista ou resignada mas, antes, uma atitude de acolhimento e de aceitação e de superação, porque sabe que Deus está com ele. O grito de Job é o grito da humanidade; o exemplo de Job deve ser referência para a humanidade.

Sofremos. E agora?

Agora, como Job, deixemo-nos encontrar por Deus e saibamos partilhar com Ele toda a vida, na certeza de que, absolutamente, a felicidade plena só depende desse encontro.

Como refere Luísa Almendra, o *Livro de Job* representa “um debate onde as questões humanas de Job desaguam na grande questão da presença e do agir de Deus.”¹⁰⁰

Deus faz da história humana uma história de salvação, mas é preciso saber discerni-Lo na nossa vida; só através de uma fé adulta, o Homem é capaz de reconhecer que, embora não tendo o conhecimento total de Deus, pode confiar no Seu amor. Esta é a grande lição que Job nos dá.

A vida tem um sentido potencial sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis. Há quem consiga perceber, apesar de enormes penas e sofrimentos, o que é o Bem.

Os cristãos chamam-lhe Deus e Job é o modelo paradigmático para o cristão sofredor crente em Deus.

¹⁰⁰ L. ALMENDRA, *Um Debate Sobre o Conhecimento de Deus*, 357.

2. O sentido cristão da vida numa situação de sofrimento: “Segue-Me, tomando a tua cruz.”

“A Sagrada Escritura”, diz João Paulo II, “é um grande livro sobre o sofrimento”.¹⁰¹

Nas Escrituras encontramos relatados os grandes dramas da existência do ser humano e, não sendo uma biografia ou um manual de bons costumes, é o lugar que nos mostra a intervenção divina na história humana, convertendo-a em história da salvação.

Sabendo que Deus nunca abandona o Seu povo, em situação de provação não se deve pôr a questão a Deus mas pôr Deus na questão. Perante a perda de um filho, por exemplo, que resposta será Deus capaz de dar? Parece-me que não haverá lugar a qualquer resposta divina que seja capaz de pacificar o coração despedaçado daquele pai; mas se este for capaz de se entregar nas mãos de Deus, confiadamente, na certeza de que Deus sofre com ele, poderá, deste modo, encontrar a força e a paz que necessita para enfrentar aquela dolorosa situação.

Assim, não se deve perguntar o porquê a Deus do nosso sofrimento mas pedir-Lhe que se faça presente nessa hora de aflição, de maneira a que, na fraqueza, sintamos a Sua força.

Ao questionarmos a Deus sobre a causa dos nossos infortúnios estamos, de certo modo, a considerá-Lo culpado e responsável; estamos a pedir-Lhe contas: então eu faço tudo conforme os Teus preceitos, cumpro as minhas obrigações, faço tudo o que me pedes e Tu permites este sofrimento injusto? O que fiz para merecer isto? O sofrimento surge como um castigo por algo que não fiz e revolto-me contra este Deus que, afinal, não me socorre em momentos de aflição. Então de que serve ser bom e para que é que Deus serve?

O sentido cristão da existência humana só se compreende a partir da revelação divina. Como afirma K. Rahner “a antropologia é o lugar da teologia.”¹⁰²

¹⁰¹ JOÃO PAULO II, *SD*, 6.

¹⁰² J. FARIAS, *Antropologia Teológica Fundamentos*, texto não publicado para uso dos alunos da Licenciatura em Ciências Religiosas, para a disciplina de Antropologia Teológica, Faculdade de Teologia, 2011/12, 10, citando K. RAHNER, «Reflexiones fundamentales sobre la antropología y protología en el marco de la teología», 454.

Deus manifesta-se na história, fala ao Homem a partir do Homem e Jesus Cristo constitui o culminar dessa revelação. Tudo o que Deus poderia revelar ao ser humano foi revelado na pessoa de Jesus.

Como refere Jacinto Farias, a enigmática pergunta de todos os tempos “que é o homem?” (Sl 8,5) encontra a sua definitiva resposta, na apresentação de Cristo condenado à morte: “Eis o homem (*Ecce homo*)” (Jo 19, 5).

Cristo revela ao Homem quem é o Homem e, com a sua morte e ressurreição, liberta o ser humano não só da morte e do pecado como o integra na relação trinitária de amor.

Diz o Concílio do Vaticano II:

“Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efectivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. [...] Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua sublime vocação”¹⁰³

Segundo o pensamento de K. Rahner, a cristologia apresenta-se como o princípio e o fim da antropologia e Jesus revela-se, deste modo, como a máxima realização do ser humano. É na relação com Deus que o Homem se descobre e descobre a sua vocação.

Segundo Jacinto Farias, J. Ratzinger afirma que será a partir do paradoxo da cruz e da sua aparente fraqueza que há-de entender-se o paradoxo da história e da existência humana.¹⁰⁴

Também H. U. von Balthasar parte do acontecimento Cristo. Para ele, o foco luminoso é Deus mesmo quando se revela na cruz, porque aí se manifesta a Sua Glória. A cruz revela-se, deste modo, ponto de união entre Deus e os homens e é manifestação do Seu Amor levado até ao fim.

¹⁰³ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, 22, Editorial A. O., Braga, 1983, doravante citado como GS.

¹⁰⁴ Cf. J. FARIAS, *Soteriologia*, texto não publicado para uso dos alunos da Licenciatura em Ciências Religiosas para a disciplina de Antropologia Teológica, Faculdade de Teologia, Lisboa, 201/16, 37-38.

“À medida que o homem toma a sua cruz, unindo-se espiritualmente à Cruz de Cristo, vai-se-lhe manifestando mais o sentido salvífico do sofrimento [...]. E é então que o homem encontra no seu sofrimento a paz interior e mesmo a alegria espiritual.”¹⁰⁵

A busca de sentido para o sofrimento, para a vida e para a morte, é essencial para o ser humano e a atitude com que Jesus assumiu a paixão, pode iluminar as nossas situações dolorosas. A obra salvífica de Cristo projecta, sobre todos os sofrimentos, uma luz nova. Cristo aproximou-se do mundo do sofrimento humano, tendo assumido, Ele próprio, este sofrimento. A vida e a morte de Jesus, devem servir de modelo para o Homem saber conduzir a sua vida e enfrentar todas as dificuldades com que se depara; a vida e a morte de Jesus ensinam-nos que existe um Deus que é pai, que é amor e que a todos quer salvar.

Os Homens que sofrem sentem-se próximos entre si e identificam-se, também, com o sofrimento de Cristo.

Por um lado, a linguagem da cruz revela e manifesta a verdadeira humanidade de Jesus, por outro, possibilita a que o ser humano configure o seu sofrimento com o sofrimento de Jesus, dando-lhe sentido.

Jesus sofreu como qualquer ser humano: teve fome e sede, chorou, dececionou-se, foi caluniado, perseguido e, por fim, foi morto de um modo violento e doloroso. A nada foi poupado e a nada quis ser poupado. A morte na cruz significa a total entrega de si mesmo e traduz a coerência de toda a Sua vida. A vontade de Deus não era que Jesus fosse cruxificado, mas, como refere L. Boff, tratou-se de uma necessidade histórica, a partir de uma possibilidade metafísica:

“Dadas as condições de não conversão (...) se Jesus quisesse ser fiel ao Pai, a si mesmo e aos homens em quem suscitara as esperanças radicais do Reino, deveria contar com a inevitabilidade da perseguição e do fim violento”¹⁰⁶

¹⁰⁵ JOÃO PAULO II, *SD*, 26.

¹⁰⁶ L. BOFF, *Como pregar a Cruz hoje numa Sociedade de Cruxificados?*, 28.

Toda a vida de Jesus foi de entrega ao Pai e aos Homens e a Sua morte é a consequência da Sua fidelidade a Deus.

Cada um de nós é também chamado, com o seu sofrimento, a entregar-se fielmente nas mãos de Deus participando, deste modo, do sofrimento redentor de Cristo. Assim, o sofrimento humano, vivido por amor e em amor, adquire um novo sentido. A vida eterna pode começar aqui, neste mundo.

A cruz que para alguns Homens significou o fracasso de Cristo, aos olhos de Deus representou a Sua elevação. Na cruz, Cristo alcançou e levou até ao fim a sua missão; na fraqueza manifestou o seu poder e, na humilhação, toda a sua grandeza. Não estamos habituados a esta lógica de entrega, de perdão e de amor gratuitos, mas é aquela que Jesus nos veio ensinar.

No mistério da Igreja, Cristo está unido a todos os Homens, especialmente aos que sofrem. Neste sentido, todo o sofrimento humano, em razão da sua união com Cristo no amor, completa o sofrimento de Cristo. S. Paulo sublinha-o, claramente, quando fala da necessidade de completar com a sua carne “o que falta às atribuições de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja”. (Cl 1,24).

A este respeito, L. Boff revela que “O que é redentor em Jesus, não é propriamente nem a cruz, nem o sangue, nem a morte tomados em si mesmos. Mas é a sua atitude de amor, de entrega e de perdão”.¹⁰⁷

A cruz, por si só, apenas revela sofrimento e nada mais; muitos morreram cruxificados e nenhuma conclusão se pode retirar dessas mortes. Na minha perspetiva, o que importa realçar e sublinhar, é o que está para além da cruz: foi Jesus, num ato de absoluta liberdade, quem ofereceu a Sua vida e fê-lo numa atitude de amor incondicional e de fidelidade a Deus. O sofrimento e a morte não são detentores da última palavra, mas sim a ressurreição e a vida; essa é a esperança cristã.

¹⁰⁷ *Ibidem*, 34.

A Páscoa celebra a ressurreição; a cruz revela apenas o modo como Jesus, num ato livre de Amor, se entregou por todos nós.

O sofrimento faz, inevitavelmente, parte do mistério do Homem. Para que o saibamos viver com sentido é preciso orientá-lo para Cristo. “Toma a tua cruz e segue-Me” (Lc 9,24), é o convite que o Senhor nos faz.

Somente na fé na ressurreição o Homem encontra uma luz nova, que o ajuda a caminhar no meio do sofrimento e do mal.

Como diz L. Boff, “Sem a ressurreição, Jesus e a sua mensagem teriam apenas uma significação meramente histórica. Não definiriam a nossa situação diante de Deus”.¹⁰⁸

Devo então questionar-me: Em que é que a ressurreição transformou a minha vida? Como me interpela? Experimento fazer este anúncio a um mundo incrédulo e cansado?

A certeza da ressurreição não pode deixar de imprimir marcas concretas no modo de ser e de viver de todo o Homem crente. A encarnação revela o amor de Deus para com a toda humanidade e Jesus, ao dar a Sua vida por nós, demonstra a radicalidade da Sua entrega. A ressurreição está vinculada à missão; aliás a Igreja surge na fé desta ressurreição.

Cristo está vivo. É uma realidade promotora de esperança: aconteça o que acontecer, Jesus Cristo está e estará connosco em todas as situações da nossa caminhada de peregrinos.

Nesta linha de pensamento, o sofrimento pode e deve servir para a reconstrução da Pessoa. Tomarmos a nossa cruz, significa assumir a vida com tudo o que ela transporta; significa não desistir de viver; significa criação e recriação da existência, significa ser capaz de se erguer das trevas e significa, também, saber acolher as dificuldades e transformá-las, ampliando, deste modo, a forma humana de ser.

Tomarmos a nossa cruz e seguir Jesus implica entrarmos na sua lógica de amor: renunciar à auto-referenciação, à prepotência, ao egoísmo e à mentira para nos abirmos à tolerância, à

¹⁰⁸ *Ibidem*, 60.

verdade, ao amor e a uma vida eterna; eterna não no sentido do após morte, mas eterna porque se rege segundo princípios que Jesus nos veio ensinar. Viver a eternidade significa viver segundo o desígnio de Deus para cada um: a felicidade, aquela verdadeira, que assenta os seus fundamentos no serviço e no amor a Deus e ao próximo.

Pondo de lado o fatalismo, que retira toda a possível esperança e reduz o ser humano à passividade, não devemos pegar na cruz como um peso injusto que nos foi imposto; pelo contrário, pegar na cruz implica o reconhecimento da nossa condição humana, frágil e vulnerável, que precisa da mão de Deus para continuar o seu caminho.

“O homem, portanto, pode ser definido como possibilidade de libertação: ele sabe desvincular-se daquilo que o determina, mas não é obrigado a fazê-lo porque, se é verdade que tem liberdade para ser livre, é também verdade que tem liberdade para decidir permanecer escravo”.¹⁰⁹

Perante o sofrimento o ser humano pode revoltar-se mas, como diz L. Boff “a revolta não supera a cruz; sucumbe a ela”¹¹⁰; pode resignar-se, acolhendo com amargura o que a vida lhe impõe ou pode assumir uma atitude criativa perante esse sofrimento, transformando-o e, deste modo, transformando-se.

Jesus nunca se revoltou ou resignou. Ele é o nosso exemplo, o centro da fé cristã. Pegar na cruz e segui-Lo implica nunca renunciar à capacidade de amar, apesar das intempéries da vida.

Como diz Balthasar, “Ao compreender com a fé que Jesus sofreu a morte por mim, adquirei pela fé [...] o direito de conceber a minha vida como uma resposta a ela”.¹¹¹

Tomar a cruz e seguir Jesus significa a nossa entrega radical a Ele e aos outros, entrega de amor absoluto e incondicional.

¹⁰⁹ N. S. ALMEIDA, *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação cristã – Leitura teológica do pensamento de V. Frankl*, 195.

¹¹⁰ L. Boff, *Como pregar a Cruz hoje numa Sociedade de Crucificados?*, 31.

¹¹¹ H.V. BALTHASAR, *Córdula ou o Momento Decisivo*. Assírio & Alvim, Lisboa, 2009, 22.

“No decorrer dos séculos e das gerações, tem-se comprovado que no sofrimento se esconde uma força particular que aproxima interiormente o homem de Cristo, uma graça particular. A esta ficaram a dever a sua profunda conversão muitos Santos como, por exemplo, São Francisco de Assis, Santo Inácio de Loyola etc. O fruto de semelhante conversão é não apenas o facto de que o homem descobre o sentido salvífico do sofrimento, mas sobretudo que no sofrimento ele se torna um homem totalmente novo. Encontra como que uma maneira nova para avaliar toda a sua vida e a própria vocação. Esta descoberta constitui uma confirmação particular da grandeza espiritual que no homem supera o corpo de um modo totalmente incomparável. Quando este corpo está gravemente doente, ou mesmo completamente inutilizado, e o homem se sente como que incapaz de viver e agir, é então que se põem mais em evidência a sua maturidade interior e grandeza espiritual; e estas constituem uma lição comovedora para as pessoas sãs e normais.”[...] “Esta maturidade interior e grandeza espiritual no sofrimento são *fruto*, certamente, de uma particular *conversão* e cooperação com a graça do Redentor crucificado. É Ele próprio a agir, no mais vivo do sofrimento humano, por meio do seu Espírito de Verdade, do Espírito Consolador. É Ele que transforma, em certo sentido, a própria substância da vida espiritual, indicando à pessoa que está a sofrer um lugar perto de si”¹¹²

Sofremos. E agora?

Tomando a nossa cruz, e com Cristo, entreguemos os nossos sofrimentos a Deus para, deste modo, tomarmos parte no bem maior da redenção do mundo. Ao fazê-lo saberemos aceitar a nossa própria humanidade, dignidade e missão.

Deus, em Cristo, sofre quando o Homem sofre. Perante uma situação de desespero ajoelhemo-nos diante da cruz. Não sendo detentora da última palavra, ela indica o nosso sentido; representa um sinal mais: mais para o Pai e mais para os outros.

Não entendo a cruz como símbolo de tudo aquilo que devemos sofrer para obter a salvação; não é disso que se trata. Porventura Jesus permaneceu crucificado? A cruz é a consequência da fidelidade de Jesus a Deus Pai e é, por isso, representativa do amor incondicional

Jesus Cristo é o ressuscitado e, com Ele, todos nós.

¹¹² JOÃO PAULO II, *SD*, 26.

É deste amor total e absoluto e do seu poder que temos de falar aos jovens. “Ama e faz o que quiseres”,¹¹³ diz santo Agostinho. No entanto, esta afirmação dita assim, sem mais, pode ser perigosa, pois, muitos de nós, conhecemos medonhas atrocidades que são cometidas sob a pretensa justificação de um ato de amor. Não é deste amor que se trata. Quem ama não despreza, não abandona, não mente, não amesquinha, não mata.

O Amor sobre o qual temos de falar aos jovens é aquele que Jesus viveu por cada um de nós; é o Amor. O Amor que permanece, que não depende das emoções do momento, que é de doação total e sem condições, que perdoa até setenta vezes sete (Mt 18,22). É o Amor que cuida, que respeita, que consola e que cura.

“O que a passagem pela carne humana do Filho de Deus, na carne de Cristo, veio trazer ao mundo humano foi a realidade da possibilidade de transformar a dor em alegria, o inferno doloroso do afastamento relativamente a Deus, na glória do amor de Deus, cujo dom sofremos, e do amor humano que, sendo amor, é imediatamente divino, que é o único que pode, carne a carne, mitigar a dor da carne e a dor extrema que anula a carne”.¹¹⁴

Amar é uma escolha pessoal. Poderá ser difícil passar esta mensagem aos jovens, alguns deles pouco habituados a que se lhes sejam feitas exigências, mas vale a pena tentar.

Como refere Nuno Almeida, “Definir o Homem como ser que sempre se decide significa admitir que o homem não é, simplesmente, mas decide em cada momento aquilo que é.”¹¹⁵ Isso implica responsabilidade.

Durante um longo e complexo processo de desenvolvimento, o ser humano vai adquirindo competências e ferramentas a partir das quais se vai construindo como pessoa e nenhuma outra atividade como aquela de educar tem a possibilidade de propor aos jovens uma atitude de confiança e de esperança no futuro e de lhes apresentar o Amor como horizonte de vida

¹¹³ ORDEM DE SANTO AGOSTINHO, Vicariato Agostiniano Nossa Senhora da Consolação do Brasil, in <http://www.agostinianos.org.br/visualizacao-de-cursos/ler/49/11-escritor-e-santo>, acedido a 22 de março de 2019 às 15.45.

¹¹⁴ A. PEREIRA, *A Crise do Bem*, 143.

¹¹⁵ N. S. ALMEIDA, *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação cristã – Leitura teológica do pensamento de V. Frankl*, 194.

plena. Os jovens são generosos e estão abertos a experiências afetivas de realização pessoal e a projetos de vida com sentido.

Dirigindo-se aos jovens de todo o mundo, por ocasião da XII Jornada Mundial da Juventude em 1997, disse o então Papa João Paulo II:

“Jesus vive ao vosso lado, nos irmãos com quem partilhais a existência quotidiana. O Seu rosto é aquele dos *mais pobres*, dos marginais, vítimas geralmente de um injusto modelo de desenvolvimento que põe o lucro em primeiro lugar e faz do homem um meio em vez de um fim. A casa de Jesus está aí em todo o sítio onde um homem sofre pelos seus direitos negados, pelas suas esperanças traídas, pelas suas angustias ignoradas. Aí, entre os homens, está a casa de Cristo, que vos pede para enxugar, em seu nome, cada lágrima e de recordar a quem se sente só que ninguém está só se puser n'Ele a sua própria esperança (Cf. Mt 25,31-46) ”.¹¹⁶

Precisamos de jovens que queiram ser santos nas suas vidas quotidianas, na promoção do bem e no acolhimento de uma vida sempre dotada de sentido.

Enquanto educadores temos a responsabilidade de ajudar os jovens a tomar consciência do papel fundamental que têm na construção do mundo. O futuro não está escrito nas estrelas; dependerá deles, das suas escolhas, das suas decisões e dos seus atos.

Este constitui um desafio pessoal.

No próximo capítulo e tendo em conta o até aqui refletido, abordo o desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada, incluindo uma proposta pedagógica para trabalhar o tema do sofrimento.

Um dos objetivos da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é contribuir para o processo de humanização da sociedade, trabalhando a abertura à transcendência e à dimensão religiosa e promovendo o processo de desenvolvimento integral do ser humano.

¹¹⁶ JOÃO PAULO II, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_15081996_xii-world-youth-day.html, acedido a 15 de abril de 2019, às 17:30.

Assim sendo, e enquanto professora de EMRC, parece-me evidente que sou, de certo modo, responsável pelo crescimento dos meus alunos, em todas as suas potencialidades e possibilidades, naquilo que já são e naquilo que podem vir a ser. Daí que este tema do sofrimento se me configure essencial. É preciso aprender a “sofrer mais bem”.

Capítulo IV – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

“A principal característica da nossa espécie, como aliás de todos os seres vivos, é a aprendizagem. Aprendizagem entendida como processo de adaptação e transformação do ambiente e da própria espécie, de modo a garantir a sua sobrevivência e continuidade”¹¹⁷.

A Prática de ensino supervisionada (PES) é fundamental no processo de formação de todo o professor. Como diz Richard Arends é preciso “aprender a ensinar”¹¹⁸. Os professores não nascem bons professores; a vocação e a paixão pela educação têm de estar presentes, é certo, mas é indispensável a formação e a PES constitui um enriquecimento indispensável em todo o processo formativo.

Como refere D. Tomaz da Silva Nunes:

“Aos requisitos iniciais e adquiridos ao longo da vida, no domínio da formação científica e profissional, e ao tempo de serviço, será indispensável assegurar, para bem de todos, que os docentes estejam motivados para a missão educativa, dêem provas de equilíbrio humano e que estejam dispostos a assumir um núcleo duro de valores, atitudes e exigências éticas”.¹¹⁹

A PES constitui assim um lugar privilegiado onde se pode ir recolher as bases para um ensino de qualidade. O contacto com a nova realidade escolar confere a oportunidade de nos sentirmos parte dela e do seu projeto educativo, com a enorme vantagem da presença de um professor cooperante que vai acompanhado o percurso individual de cada professor estagiário. É um processo reflexivo exigente, no qual temos a oportunidade de ir aperfeiçoando as práticas de ensino, os recursos utilizados e testando a evolução que vai sendo realizada, constituindo, deste modo, um momento importante de aprendizagem pessoal.

¹¹⁷G.L. MIRANDA & S. BAHIA, *Teorias da Aprendizagem*. Instituto de Educação – Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2007, 11.

¹¹⁸R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 1995.

¹¹⁹D. Tomás da Silva Nunes, “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”. *Fórum de EMRC*, SNEC, Lisboa, 2005, 86.

O núcleo de estágio onde tive a oportunidade de fazer a PES foi a Escola Salesiana de Manique no ano letivo de 2018-2019.

Neste capítulo apresentarei alguns elementos relativos à PES, nomeadamente a caracterização da escola e da turma onde lecionei as aulas e farei uma avaliação global desta experiência.

Foi no decorrer da lecionação da minha Unidade Letiva de referência, “Riqueza e Sentido dos Afetos”, a UL3 do manual do 7º ano, que me fui apercebendo de que, no que diz respeito às preocupações dos adolescentes, o tema do sofrimento não era abordado. Parece-me que, sendo o sofrimento parte da condição de ser-se humano, e sabendo que alguns alunos desta e de muitas outras turmas vivem situações difíceis e dolorosas, pensei que seria interessante incluir uma aula nesta UL sobre a temática do sofrimento.

Em anexo, junto o portefólio da PES em formato digital; este compreende os conteúdos já referidos, as planificações das várias aulas lecionadas, o registo escrito da reflexão pessoal e os diversos materiais pedagógicos produzidos, relativos à unidade letiva três do sétimo ano “Riqueza e Sentido dos Afetos”

1. Caracterização da Escola e da Turma

Devido às grandes transformações sociais, económicas e políticas (a crise de valores, o individualismo, o pluralismo cultural, o desenvolvimento técnico-científico, a globalização da economia, por ex.) no mundo contemporâneo, a educação e a escola encontram-se perante uma série de novos desafios. O mundo atual tem outras configurações, os alunos vivem de maneira diferente, com novas posturas e exigências. Sendo a sociedade de hoje plural, multicultural e multirreligiosa, a escola é lugar de cruzamento das diferentes vivências, podendo esta assumir um papel muito importante para a promoção da boa integração dessas diferenças.

A educação, para ser eficaz, tem de ser permeável às transformações sociais.

Educar não é apenas ensinar nem debitar conhecimentos; educar é um processo amplo, complexo e dinâmico que implica sempre crescimento do ser humano nas suas várias dimensões: biológica, social, intelectual, psicológica, estética, ética, etc

Nesse sentido, o professor tem de ter um conhecimento profundo acerca da escola em que está integrado e das turmas onde irá leccionar. Todas as turmas são diferentes, com alunos diferentes e, conseqüentemente, com exigências também diferentes. Cabe ao professor conhecer cada um dos seus alunos, perceber quais são as suas perspectivas, dificuldades, limitações e potencialidades, para atingir a finalidade educativa visada, devendo, para isso, utilizar estratégias pedagógicas de acordo com as características de cada turma.

A caracterização da escola e da turma são, portanto, elementos necessários e essenciais ao conhecimento da comunidade escolar, tendo como horizonte um trabalho de qualidade.

1.1. Caracterização da Escola

A Escola Salesiana de Manique (ESM) é uma escola particular, com regime misto, que recebe alunos da zona atribuída pelo Ministério da Educação ao abrigo do contrato de associação celebrado, havendo ainda a possibilidade de se frequentar esta instituição através da modalidade de “lecionação paga”. A escola desenvolve uma proposta educativa desde o 2ºciclo até ao Ensino Secundário.

A entidade titular é o Centro Educativo Salesiano – IPSS, com sede na Rua dos Salesianos, 1 Manique de Baixo - Alcabideche, que se faz representar pelo seu Presidente, que em conjunto com outros Salesianos colaboradores, é o garante da identidade salesiana da escola.¹²⁰

A ESM é uma instituição popular, inclusiva, livre e aberta a todas as classes sociais, onde se educa em dinâmica relacional e de partilha, mediante um Projeto Educativo específico

¹²⁰ Cf. *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique*, 2010-2014, 4.

inspirado no humanismo cristão no qual participam de forma corresponsável todos os membros da Comunidade Educativa.¹²¹

“Este Projeto Educativo encontra-se assim centrado na relação professor-aluno aliada à trilogia preventiva Salesiana (Razão, Religião e Amabilidade), onde o seu principal objetivo passa pela formação de “Bons Cristãos e Honestos Cidadãos”.¹²²

Segundo Richard Arents,¹²³ o princípio referido anteriormente da corresponsabilidade e participação de todos os elementos da comunidade educativa na atividade educativa, é favorável à aprendizagem dos alunos. Esta, não depende apenas do que os professores fazem nas aulas, sendo também muito influenciada pela interação entre professores e pais. A escola não é somente um local onde os alunos aprendem, é também um espaço onde adultos exercem uma diversidade de papéis educacionais.

De acordo com o ideário salesiano, a educação ministrada na ESM é marcada pela inspiração cristã, pois a escola:

“Educa evangelizando e evangeliza educando, isto é, harmoniza o desenvolvimento humano com o crescimento cristão, constituindo um espaço privilegiado de educação e evangelização dos jovens. Reúne em si uma síntese coerente e desenvolvida dos valores evangélicos, das orientações do magistério e das orientações legislativas em vigor, num estilo peculiar baseado no método pedagógico de S. João Bosco. Neste sentido, valoriza a “personalização” das relações educativas mediante a presença de educadores no meio dos alunos, a sua participação na vida dos jovens e a sua disponibilidade para estar com eles”¹²⁴

A pedagogia salesiana é uma pedagogia prática, baseada sobretudo no contacto entre educadores e jovens e na relação que entre eles se estabelece como já foi referido.

Aconteceu assim no tempo do Santo Fundador, assim continua a ser atualmente. D. Bosco amou ao infinito cada jovem, em especial, os mais pobres.

¹²¹ Cf. *Ibidem*, 4.

¹²² *Ibidem*, 5.

¹²³ Cf. R. Arents, *Aprender a Ensinar*, 26.

¹²⁴ *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique*, 2010-2014, 4.

O essencial da pedagogia salesiana reside, porém, no facto da educação ser "coisa do coração": a isso se resume, afinal, o método educativo dos Salesianos, tendo sido assumido como lema da escola.¹²⁵

Através da consulta do Plano Anual de Atividades,¹²⁶ é possível observar a importância da Pastoral na comunidade educativa. A sua presença faz-se notar diariamente no acolhimento aos alunos com os “Bons dias”, uma proposta de reflexão e oração, a realizar no início da primeira aula da manhã; nas festas da escola em torno de São João Bosco e de Maria Auxiliadora; nos encontros no âmbito do movimento juvenil salesiano; nas atividades de voluntariado, de aprofundamento da fé e nos encontros vocacionais.

Fiel ao seu ideário e missão, tomando como referentes os pressupostos da Lei de Bases do Sistema Educativo, a ESM deseja orientar a sua ação educativa conforme os seguintes princípios¹²⁷: o **aluno está no centro do ato educativo**, tendo em vista uma formação integral e uma aprendizagem de saberes e valores; proporcionar aos alunos um **ambiente educativo, marcado pelo espírito de família**, de modo que todos, alunos, pais, professores, pessoal auxiliar, e salesianos se sintam na escola como na sua própria casa; **proximidade dos educadores** na vida dos jovens, ajudando a superar situações que possam incidir negativamente no crescimento integral da personalidade dos educandos; **corresponsabilidade e participação** - todos os elementos da comunidade educativa são responsáveis pela atividade educativa; critério **preventivo**, ou seja, seguindo as orientações do sistema preventivo promovido por Dom Bosco, privilegia as experiências positivas e antecipa aquelas que podem influenciar negativamente os jovens, cria um ambiente que estimule e desenvolva o gosto pelo bem; promoção da **igualdade**, ultrapassando todas as formas de discriminação, favorecendo um ambiente de tolerância informada e crítica, respeitando a diferença e favorecendo a

¹²⁵Cf. *Plano de Desenvolvimento Curricular 16/17* /Salesianos de Manique – Escola, 6.

¹²⁶ Cf. *Plano Anual de Atividades*, in www.manique.salesianos.pt/escola/calendarizacao-anual-de-atividades,
acedido em 02.11.2018 às 18:27.

¹²⁷ Cf. *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique*, 2010-2014, 6.

inclusão; a **qualidade do ensino e das aprendizagens** – respeitando o cumprimento dos programas e a promoção de aprendizagens significativas.

Os princípios que orientam a ação educativa da ESM referidos anteriormente estão em consenso com os desafios do ensino do século XXI indicados por Richard Arends.

Também na mesma linha educativa, podemos ler no documento *O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória*:

“O Perfil dos Alunos aponta para uma educação escolar em que os alunos desta geração global constroem e sedimentam uma cultura científica e artística de base humanista. Para tal, mobilizam valores e competências que lhes permitem intervir na vida e na história dos indivíduos e das sociedades, tomar decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas, e dispor de uma capacidade de participação cívica, ativa, consciente e responsável”.¹²⁸

A ESM não é só um lugar de transmissão de saberes, mas um espaço de formação integral da pessoa: a par com a formação científica e intelectual, a escola promove valores e atitudes que privilegiam a construção da dignidade individual e do respeito pela sociedade. É de salientar os seguintes valores confiança, alegria, liberdade, tolerância cidadania, verdade, justiça, trabalho, paz, cooperação e solidariedade.¹²⁹

Em relação às atitudes destacam-se as seguintes: Escutar os outros, auto-estima, sentido de humor, otimismo e esperança, autonomia, responsabilidade, respeito pelos outros, aceitar a diferença, cumprimento das regras, disciplina, participação ativa na sociedade, definição de objetivos, motivação, cumprimento do dever, perdoar, amizade, companheirismo, escola-comunidade, comunicação, partilhar e dar-se¹³⁰.

Como foi referido anteriormente, a ESM orienta a sua ação educativa de acordo com o princípio da igualdade e promove valores que privilegiam o respeito pelo social, nomeadamente a “justiça – repulsa pelas desigualdades entre indivíduos, grupos, povos e

¹²⁸ Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho de 2018, “Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória”, 10.

¹²⁹ Cf. *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique*, 2010-2014, 7.

¹³⁰ Cf. *Ibidem*, 7-8.

nações, e o dever de dar a cada um o que lhe é devido,”¹³¹ demonstrando, assim, uma política de equidade.

No que concerne à caracterização socioeconómica, a ESM abrange a população de Manique, uma parte da Adroana, do Bairro de 16 de novembro e dos bairros sociais do Miradouro, dos Bem Lembrados, da Cres e da Estrada, com um número significativo de famílias realojadas, oriundas dos PALOP e de outras nacionalidades, que apresentam problemas de desemprego, de pobreza e de marginalidade. Simultaneamente, tem crescido a construção de moradias e condomínios com uma população de nível socioeconómico médio-alto. Portanto, entre a sua população, registam-se padrões de comportamento e valores bastante diversificados, na maioria das vezes difíceis de uma caracterização própria, o que origina grandes contrastes de ordem sociocultural e familiar e situações de difícil interação. O nível cultural da população é, de modo geral, baixo, diversificando com a origem das populações.¹³²

A ESM depara-se assim com uma população escolar muito heterogénea, quer em termos culturais, quer em termos socioeconómicos, tendo a sua origem em distintas realidades culturais e sociais. Na presença de contextos socio económicos tão opostos, estamos perante o que Richard Arends refere como “pluralismo cultural”.¹³³

Diante desta realidade, a escola precisa que os docentes possuam um repertório de estratégias de ensino eficazes para poderem trabalhar com jovens de origens culturais diversificadas.¹³⁴

Os Salesianos estão em Manique desde o dia 1 de outubro de 1953. O atual edifício “Bloco A” foi o primeiro a ser construído, num terreno doado pela família Sousa Lara. O local onde se situa a ESM, no começo era uma casa de formação para jovens que desejavam entrar para a Congregação Salesiana, Seminário Maior (até 1980) e residência para estudantes salesianos (até 1996).¹³⁵

¹³¹ *Ibidem*, 7.

¹³² Cf. *Ibidem*, 9.

¹³³ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 61.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*, 62.

¹³⁵ Cf., *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique*, 2010-2014, 10.

“O contacto dos Salesianos com a população local e o desejo de responder às necessidades da mesma, levou-os a promover um conjunto de iniciativas educativas que vão desde aulas elementares para adultos em 1961, ao ensino chamado de “Tele-Escola”, inscrito no Ministério da Educação com o nº 397 e que se manterá de 1970 até ao ano letivo de 1979/80, ultrapassando o número de cem alunos”.¹³⁶

No ano letivo de 1980/81 tem início a ESM com o 1.º ano do Ciclo Preparatório, com 61 alunos matriculados. Em 1984 inicia-se o ensino unificado, atual 3º Ciclo. No ano letivo de 1990/91, a Escola ultrapassa o milhar de alunos, repartidos pelos 2.º e 3.º ciclos. A 7 de outubro de 1992 lança-se a primeira pedra para as novas instalações: um novo edifício de aulas; refeitório, cozinha e apoios; um pavilhão gimnodesportivo, campos de jogos e recreios escolares. Estas instalações foram inauguradas no dia 24 de março de 1994. No ano letivo de 1994/95, leciona-se, pela primeira vez, o 12.º ano.¹³⁷

No que concerne às instalações da ESM estas estão estruturadas em seis edifícios, identificados por letras de A a H. Com exceção dos edifícios F, G e H, respetivamente Pavilhão Gimnodesportivo, sala de Educação Visual e a Piscina, todos os edifícios têm corredores de ligação entre si. As salas de aulas dividem-se pelos edifícios A,B,C e G e estão na sua maioria equipadas com televisão, vídeo/leitor de DVD, computador e projetor.

No edifício D, funciona a cantina com cozinha própria e respetiva despensa, e no edifício E, entre outros, estão instalados os Serviços de Psicologia e Orientação, o Centro Pastoral e as salas de atendimentos dos Pais e encarregados de Educação.¹³⁸

A escola nas suas instalações incorpora ainda, entre outros, uma Biblioteca, um Centro Musical, dois auditórios, um ginásio específico para a prática de ginástica, pista de Atletismo, campos de ténis, diversos campos desportivos, posto médico, capela e um bio horta.¹³⁹

¹³⁶ *Ibidem.*

¹³⁷ Cf. *Ibidem.*

¹³⁸ Cf. *Ibidem*, 11.

¹³⁹ Cf. *Ibidem*, 11-12.



A presença de computador e projetor na sala de aula permite aos docentes integrar as tecnologias no ensino.

Segundo Richard Arends:

“Os computadores e as tecnologias de telecomunicação terão um impacto significativo na atual geração de professores porque oferecem importantes vantagens sobre outras ferramentas educacionais”.¹⁴⁰

Este autor faz referência ao facto de as apresentações em multimédia serem mais eficientes e motivantes do que a utilização do quadro.

Inspirada no modelo educativo de D. Bosco, a escola salesiana de Manique tem como missão:

“a promoção integral da pessoa, onde se procura o crescimento e o amadurecimento de cada aluno em todas as suas dimensões, através de uma educação que se caracteriza pelo espírito de família, pelo clima de alegria, pelo sentido de festa e pela participação criativa, utilizando o ambiente educativo, como veículo e proposta de valores”.¹⁴¹

Atualmente vivemos numa sociedade multicultural e um dos desafios do ensino para o professor do século XXI é precisamente ensinar numa sociedade multicultural, transformando as escolas e as abordagens ao ensino, por forma a atender às necessidades de uma população

¹⁴⁰ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Cap. I, 18-19.

¹⁴¹ *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique* 2010-2014, 3.

escolar muito mais diversificada¹⁴², como no caso dos alunos da ESM. Os docentes do século XXI terão de dominar diversas bases de conhecimentos académicos, pedagógicos, sociais e culturais, e tornarem-se professores reflexivos e capazes de solucionar problemas, para ensinar em salas de aula culturalmente diversificadas.¹⁴³

Segundo Richard Arends “são necessárias ações a nível escolar, para tornarem o ensino mais recetivo a alunos com origens diferentes ou necessidades especiais”¹⁴⁴.

Neste sentido, na ESM surge uma ação educativa orientada pelos seguintes princípios, referidos anteriormente: “proximidade educativa, corresponsabilidade e participação de todos os elementos da comunidade educativa na atividade educativa e ambiente educativo marcado pelo espírito de família, em que toda a comunidade educativa vive em ambiente de família, de modo a que todos contribuam e se estejam na escola como na sua própria casa”,¹⁴⁵ numa atitude de Escola-Comunidade¹⁴⁶.

1.2. Caracterização da Turma

A PES decorreu na turma C do sétimo ano de escolaridade da Escola Salesiana de Manique, no ano letivo 2018/2019.

Não tendo acesso a muitas das informações relativas aos alunos devido à proteção dos dados, esta, ainda que bastante limitada, é a caracterização possível. Para tal contei com a colaboração do professor cooperante Frederico Batista, que disponibilizou a informação existente.

A turma onde decorreu a PES era constituída por vinte e sete alunos, dezasseis raparigas e onze rapazes. Destes, vinte e três alunos tinham doze anos de idade; dois, treze, um, catorze e um, quinze.

¹⁴² Cf. *Ibidem*, 8.

¹⁴³ Cf. *Ibidem* 15.

¹⁴⁴ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Cap. II, 81.

¹⁴⁵ *Projeto Educativo da Escola Salesiana de Manique* 2010-2014, 6.

¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 8.

Todos os alunos tinham nacionalidade portuguesa e havia uma aluna de etnia cigana.

Dois dos alunos eram órfãos de pai e um estava institucionalizado.

No que respeita ao percurso escolar dos alunos, registaram-se três com retenções anteriores.

Relativamente às habilitações literárias dos pais, apurou-se que existiam: um com doutoramento, sete com licenciatura, um com bacharelato, um com o ensino secundário e três com o terceiro ciclo do Ensino Básico.

No que diz respeito às habilitações literárias das mães: duas eram doutoradas, uma, tinha um mestrado, cinco, licenciatura, duas, o ensino secundário, uma, o terceiro ciclo do ensino básico e uma, o primeiro ciclo do ensino básico.

No que concerne a apoios sociais, quatros alunos beneficiaram do Escalão A e três do Escalão B.

O espaço da sala de aula que estava atribuído à turma tinha uma boa iluminação e ambiente acolhedor. Possuía um computador e um quadro interativo o que permitiu a utilização das tecnologias e a preparação de aulas mais dinâmicas.

Foi uma turma bastante simpática e senti-me bem acolhida por parte de todos os alunos. Entre eles, de um modo geral, também existia uma boa relação.

Eram alunos bastante interventivos e interessados nos assuntos apresentados, no entanto, tinham muita dificuldade em trabalhar em grupo. Penso que foi o aspeto menos positivo da turma; normalmente em cada grupo destacava-se um ou dois elementos e os outros trabalhavam pouco. Foi necessário, por isso, um acompanhamento mais próximo por parte do professor e conferir que as tarefas eram distribuídas e cumpridas por todos. Para colmatar este ponto mais fraco, no trabalho de projeto que foi proposto para a UL 3- “Sentido e Riqueza dos Afetos”, construí duas grelhas, uma de auto e outra de heteroavaliação para que, durante o desenvolvimento do trabalho os alunos compreendessem a participação individual de cada elemento no grupo e também constituiu um importante elemento de avaliação final.

Verifiquei ainda que os dois ou três elementos mais agitados da sala, ao longo do ano, foram melhorando o seu comportamento, tendo-se tornado mais participativos e interessados.

Um bom conhecimento da turma é um elemento relevante para aumentar a qualidade pedagógica do professor; só é possível uma maior aproximação de cada aluno, com elegância, se conhecermos o seu percurso, a sua história de vida, as suas limitações e as suas perspectivas de futuro.

As nossas turmas são bastante heterogêneas e existe grande diversidade cultural e religiosa na escola de hoje.

Diz Arends que “Compreender profundamente e ser sensível à cultura, é, talvez, a coisa mais importante que os professores podem fazer para terem sucesso com as crianças de grupos minoritários”¹⁴⁷

Revela-se, portanto, fundamental investir no conhecimento da turma não apenas como um todo, mas sendo capaz de individualizar cada aluno, prestando-lhe a atenção que merece, contribuindo, deste modo, para a formação integral da pessoa.

2. Avaliação Global da PES

Antes de avaliar todo o percurso da PES, começo por fazer um breve enquadramento da minha situação neste mestrado.

Ao contrário da maior parte dos meus colegas, inscrevi-me na Licenciatura em Ciências Religiosas apenas para enriquecimento pessoal e não pela necessidade da mesma para a docência de EMRC.

Entretanto, comecei a dar aulas o que foi um grande desafio pessoal, pois não tinha experiência nem formação académica para exercer essa função.

Deparei-me com algumas transformações em relação àquilo que tinha sido a minha vivência na escola, o que constituiu, de certo modo, um fator perturbador na minha vida de docente;

¹⁴⁷ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 63.

pertenço a uma geração em que o ambiente familiar era lugar de transmissão de valores e de educação, mas a realidade hoje é muito diferente. Assiste-se, frequentemente, à demissão dos pais do seu papel de educadores, por falta de tempo ou de vontade, empurrando para a escola a responsabilidade da educação. Evidentemente isto tem ressonância no comportamento dos alunos e da sua postura perante os professores.

Lido mal com a indisciplina e com a falta de educação dos alunos e, comecei este mestrado, consciente das minhas limitações e fragilidades, com toda a disponibilidade e abertura para absorver os ensinamentos que pudessem contribuir para o meu crescimento enquanto docente. Embora consiga ter um óptima relação com as crianças perante alunos indisciplinados, reconheço que me falta a sabedoria para os motivar.

Foi com estas expetativas que comecei a minha PES na Escola Salesiana de Manique, sabendo que essa experiência iria ser muito enriquecedora para a minha formação e foi com muita alegria e empenho que trabalhei ao longo do ano.

Fazendo agora a avaliação global da PES posso dizer que, de facto, constituiu um processo de aprendizagem fundamental neste percurso de formação, tendo contribuído para o meu crescimento enquanto professora de EMRC.

A PES foi feita na turma C do sétimo ano da Escola Salesiana de Manique. As Unidades Letivas que constam do programa de EMRC foram distribuídas pelos professores estagiários, tendo o professor cooperante assumido a leção da UL 1- “As Origens”.

Ao outro professor estagiário coube começar o ano letivo com a UL 4 “A Paz Universal”, que se estendeu ao longo do primeiro período. Comecei o segundo período sob o tema das Religiões (UL 2) e lecionei até ao Carnaval os seguintes pontos: A universalidade do fenómeno religioso, as tradições religiosas orientais, o Judaísmo e o Islão.

O outro professor estagiário acabou a UL 2 e, no dia 12 de março dei início à leção da UL 3 – “Riqueza e Sentido dos Afetos”, sendo esta a minha unidade de referência. O

professor cooperante assumiu a UL 1 – As Origens a partir de 14 de Maio, altura em que terminou a PES.

As aulas foram devidamente planificadas; num primeiro momento, foi feita a planificação anual e trimestral em conjunto com os outros elementos do núcleo de estágio, de acordo com o programa da disciplina.

As planificações de nível quatro foram da responsabilidade de cada professor estagiário. Para planificar as minhas aulas tive em consideração as metas e os objetivos de cada temática e procurei implementar estratégias motivadoras e diversificadas para que os respectivos objetivos fossem atingidos. Penso que, de um modo geral, as aulas correram bastante bem, tendo os alunos participado com entusiasmo e interesse.

Como ponto negativo assinalo a questão da gestão do tempo; preocupada em fazer tudo aquilo que me tinha proposto, aconteceu algumas vezes que a aula decorreu com um ritmo mais acelerado do que seria desejável, terminando antes do final dos quarenta e cinco minutos, retirando, deste modo, a possibilidade de uma participação mais refletida da parte dos alunos.

Dando conta deste facto, esforcei-me para ultrapassar esta fragilidade e, as últimas aulas, decorreram já de um modo mais tranquilo.

O programa de Educação Moral e Religiosa Católica assenta em três grandes domínios: “Religião e experiência religiosa”, “Cultura cristã e visão cristã da vida” e “Ética e Moral”. Esta disciplina trabalha, fundamentalmente, para a construção da comunidade humana, fornecendo as ferramentas necessárias para que os alunos sejam capazes de descobrir a dimensão sagrada da vida.

A Unidade Letiva sobre as religiões contribuiu para o aprofundamento dos conhecimentos relativos às diferentes tradições religiosas: origem, símbolos, livros sagrados, princípios éticos e religiosos, cidades santas e festas religiosas, característicos de cada uma.

Estando incluída nos domínios, “Religião e experiência religiosa” e “Cultura cristã e visão cristã da vida”, esta Unidade Letiva pretende que os alunos sejam capazes de: Identificar

manifestações do fenómeno religioso e da experiência religiosa; Perceber a função da religião na vida pessoal e coletiva; Distinguir Monoteísmo de Politeísmo; Identificar exemplos relevantes do património artístico criados com base nas religiões; Identificar as tradições religiosas orientais; Compreender o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas e verificar que os princípios éticos comuns das várias religiões promovem a paz e o bem comum.

A religião faz parte da cultura humana; faz, portanto, todo o sentido os jovens tomarem conhecimento da religião do seu país (mesmo que não a pratiquem) e também perceberem que existem outras religiões e outras culturas.

Numa sociedade cada vez mais plural, intercultural e inter-religiosa, o estudo das várias religiões contribui, inevitavelmente, para a promoção do diálogo, da inclusão e do respeito pela diferença.

É neste contexto que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode ser muito importante, pois tem como principal objetivo contribuir para o processo de humanização da sociedade.

A UL 3- “Riqueza e Sentido dos Afetos” está abrangida pelos segundo e terceiro domínios, cujas metas e objetivos farei referência seguidamente.

Para trabalhar os vários conteúdos sob o tema da adolescência referentes à UL “Riqueza e Sentido dos Afetos” desenvolvemos um projeto feito em trabalho de grupo, que consistiu na escrita de sete episódios de uma série, a que os alunos deram o nome de “Seven Reasons Why”.

A cada grupo foi atribuído um tema: a família, os amigos, a escola, o agir moral, a questão religiosa, o amor e enamoramento e as preocupações a nível físico, social e afetivo e, tinham como objetivo, desenvolver um episódio subordinado ao tema proposto, tendo de inventar situações, diálogos e personagens (havia apenas duas fixas: os irmãos Pedro e Luísa).

Distribui um guião para orientar os alunos no processo criativo do episódio e construí duas

grelhas, uma de auto e outra de heteroavaliação, que os alunos deveriam preencher nos últimos cinco minutos de cada aula. Estas, tinham como objetivo não apenas a verificação, pela minha parte, da participação de cada aluno no projeto, mas também que, cada um deles, à medida que iam desenvolvendo o projeto, fossem capazes de se autoavaliar e de avaliar os colegas do grupo, quanto ao empenho, responsabilidade e dedicação com que trabalhavam. Considero que estes elementos foram bastante importantes para ir aferindo o envolvimento individual no projeto e contribuiu, substancialmente, para a melhoria da participação dos alunos, ao longo do trabalho.

Este projeto foi desenvolvido em três aulas tendo cada grupo apresentado, posteriormente, o seu trabalho à turma. Depois de cada apresentação, pedi aos alunos para sintetizar o que tinham aprendido com o trabalho e, para os orientar neste sentido, elaborei um PPT com algumas questões.

Estiveram também disponíveis para responder às perguntas e dúvidas que iam surgindo por parte dos colegas, o que contribui para uma aula muito interessante e participada.

Para concluir a Unidade Letiva 3, elaborei um PPT com a síntese de todos os temas abordados, para solidificação dos conteúdos trabalhados.

Na última aula mostrei o vídeo que fiz incluindo as filmagens que anteriormente tinha realizado a cada aluno, nas quais pretendia que me respondessem à pergunta “O que é ser adolescente”. Foi um momento recebido com muito entusiasmo e que os alunos gostaram bastante.

Posteriormente, fizemos uma “cerimónia de despedida”, que consistiu na entrega de um diploma à turma e na distribuição de doces por todos os alunos. A aula terminou com um jogo de “futebol humano”, rapazes contra raparigas, do qual os rapazes saíram vitoriosos.

Em jeito de síntese, considero que esta PES constituiu uma verdadeira aprendizagem, tanto a nível pedagógico como, também, a nível humano. Tenho a convicção de que os alunos, além

de gostarem das aulas e da forma como elas decorreram, também estabeleceram uma boa relação quer comigo, quer com o outro professor estagiário, o que foi muito gratificante.

Pela minha parte, quero agradecer a todas as pessoas envolvidas neste percurso, porque foram verdadeiramente importantes para o terminar com sucesso.

Considero que este tempo foi fundamental na minha formação e destaco como pontos positivos a interiorização da importância das planificações, a capacidade de reflexão acerca dos vários detalhes e todo o acompanhamento feito pelos professores que muito contribuíram para o meu crescimento enquanto professora de EMRC.

Pensando nas dificuldades iniciais com que comecei este mestrado considero que, embora não tenha conseguido ultrapassar definitivamente todas elas, encontrei ferramentas e estratégias de trabalho que me permitiram e permitirão futuramente, uma maior qualidade pedagógica e uma relação mais próxima com os alunos.

Aprender a ensinar é um processo que não terá fim; é uma aprendizagem que decorrerá ao longo de toda a minha vida de docente mas, a PES constituiu, claramente, o ponto inicial a partir do qual esse percurso ganhou as bases e as estruturas necessárias para uma evolução consistente.

3. A Prática Letiva. Análise da Unidade 3 do Manual – Riqueza e sentido dos afetos

3.1. Planificações

Unidade Lectiva: 3 do 7º Ano “Riqueza e sentido dos afetos”

Lição nº 21

Data: 12 de março de 2019

Sumário: Introdução ao tema da adolescência e indicações sobre o projeto a realizar. Filmagens.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	Compreender a adolescência como uma etapa relevante no desenvolvimento da pessoa	Na adolescência fazem-se escolhas muito importantes para o resto da vida	Acolhimento e apresentação do tema	45m	PPT	Aferir o entusiasmo perante a apresentação do projeto
				3m		
			Explicação do projeto e escolha dos grupos de trabalho	15m		
			Fazer uma filmagem aos alunos em que cada um tem de responder à pergunta: “O que é ser adolescente?”	25m		
			Síntese	2m		

Proposta de Síntese: A adolescência é uma fase da vida com alguns desafios, mas é também um período extraordinário onde cada pessoa descobre a sua identidade e define a sua personalidade. AE: Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.

Unidade Lectiva: 3 do 7º Ano “Riqueza e sentido dos afetos”

Lição nº 22 e 23

Data: 19 e 26 de março de 2019

Sumário: Trabalhos de grupo sobre o tema da adolescência.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
O. B. Q. G.	1- Identificar a etapa da adolescência como relevante no desenvolvimento da pessoa 2- Compreender as preocupações que os adolescentes sentem e dar valor a algumas formas de resolução dos problemas 3- Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade	Na adolescência fazem-se escolhas muito importantes para o resto da vida	Acolhimento e formação dos grupos	45m	Portefólio	Fichas de auto e heteroavaliação Verificar o empenho a capacidade de autonomia, de cooperação e de responsabilidade
				3m		
		A importância da família, dos amigos e da escola na formação da personalidade	Trabalho de grupo	40m		
		Experiência de maturação dos adolescentes A vocação da Pessoa é o amor	Síntese	2m		

Proposta de Síntese: A adolescência é uma etapa fundamental para o desenvolvimento do ser humano. AE: Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.

Unidade Lectiva: 3 do 7º Ano “Riqueza e sentido dos afetos”**Lição nº 24****Data: 02 de abril de 2019****Sumário: Conclusão dos trabalhos de grupo. Autoavaliação.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
O. B. Q. G.	1- Identificar a etapa da adolescência como relevante no desenvolvimento da pessoa	Na adolescência fazem-se escolhas muito importantes para o resto da vida	Acolhimento e formação dos grupos	3m	Portefólio	Aferir o empenho com que trabalham no projeto
	2- Compreender as preocupações que os adolescentes sentem e dar valor a algumas formas de resolução dos problemas	A importância da família, dos amigos e da escola na formação da personalidade	Trabalho de grupo	35m		
	3- Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade	Experiência de maturação dos adolescentes	Autoavaliação: cada aluno fará, por escrito, uma autoavaliação relativa ao 2º período	5m		Observação da capacidade de autonomia, de cooperação, de organização e a responsabilidade
		A vocação da Pessoa é o amor	Síntese	2m		

Proposta de Síntese: A adolescência é uma etapa fundamental para o desenvolvimento do ser humano. **AE:** Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.

Unidade Lectiva: 3 do 7º Ano “Riqueza e sentido dos afetos”**Lição nº 25****Data: 23 de abril de 2019****Sumário: Exposição oral dos trabalhos de grupo.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
O. B. Q. G.	1- Identificar a etapa da adolescência como relevante no desenvolvimento da pessoa	Na adolescência fazem-se escolhas muito importantes para o resto da vida	Acolhimento	3m	Portefólio	Aferir o empenho com que participam no projeto
	2- Compreender as preocupações que os adolescentes sentem e dar valor a algumas formas de resolução dos problemas	A importância da família, dos amigos e da escola na formação da personalidade	Exposição oral dos trabalhos de grupo: cada grupo explicará aos colegas a abordagem feita ao tema correspondente e fará a apresentação do episódio da série	40m		
	3- Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade	Experiência de maturação dos adolescentes				Verificação dos trabalhos apresentados e da capacidade de exposição individual
		A vocação da Pessoa é o amor	Síntese	2m		

Proposta de Síntese: A adolescência é uma etapa fundamental para o desenvolvimento do ser humano. **AE:** Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.

Unidade Lectiva: 3 do 7º Ano “Riqueza e sentido dos afetos”

Lição nº 26

Data: 30 de abril de 2019

Sumário: Diálogo acerca dos trabalhos de grupo. Visionamento das filmagens feitas aos alunos.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
O. B. Q. G.	1- Identificar a etapa da adolescência como relevante no desenvolvimento da pessoa	Na adolescência fazem-se escolhas muito importantes para o resto da vida	Acolhimento	45m		
	2- Compreender as preocupações que os adolescentes sentem e dar valor a algumas formas de resolução dos problemas	A importância da família, dos amigos e da escola na formação da personalidade	Diálogo acerca dos trabalhos de grupo.	3m		
	3- Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade	Experiência de maturação dos adolescentes	Visionamento das filmagens realizadas na aula de 12 de março	35m	Portefólio	Avaliar o entusiasmo e a qualidade da participação no diálogo.
		A vocação da Pessoa é o amor	Síntese	5m	Quadro interativo	
				2m		

Proposta de Síntese: A adolescência é uma etapa fundamental para o desenvolvimento do ser humano. **AE:** Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.

Unidade Lectiva: 3 do 7º Ano “Riqueza e sentido dos afetos”

Lição nº 27

Data: 07 de maio de 2019

Sumário: Conclusão da aula anterior. Avaliação e síntese do projeto.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação Formativa
O. B. Q. G.	1- Identificar a etapa da adolescência como relevante no desenvolvimento da pessoa	Na adolescência fazem-se escolhas muito importantes para o resto da vida	Acolhimento	45m		
	2- Compreender as preocupações que os adolescentes sentem e dar valor a algumas formas de resolução dos problemas	A importância da família, dos amigos e da escola na formação da personalidade	Conclusão do diálogo que iniciámos na aula anterior	3m		
	3- Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade	Experiência de maturação dos adolescentes	PPT: Síntese e avaliação da Unidade Letiva	5m	Quadro Interativo	Verificação do empenho e da participação na aula
		A vocação da Pessoa é o amor	Visionamento das filmagens feitas aos alunos	30m		
			Síntese	5m		
				2m		

Proposta de Síntese: A adolescência é uma etapa fundamental para o desenvolvimento do ser humano. **AE:** Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.

Unidade Lectiva: 3 do 7º Ano “Riqueza e sentido dos afetos”**Lição nº 28****Data: 14 de maio de 2019****Sumário: Visualização do vídeo (filmagens aos alunos). Cerimónia de despedida. Jogo do “Mata”.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Compreender a importância do respeito pelo outro. Valorizar o trabalho de equipa.	Na adolescência fazem-se escolhas muito importantes para o resto da vida A importância da família, dos amigos e da escola na formação da personalidade Experiência de maturação dos adolescentes A vocação da Pessoa é o amor	Acolhimento Visualização do vídeo (filmagens aos alunos) Cerimónia de despedida: distribuição de doces e entrega de um diploma à turma. Jogo do “Mata”.		Quadro Interativo Bola	Verificação do empenho e da participação na aula

Proposta de Síntese: A adolescência é uma etapa fundamental para o desenvolvimento do ser humano. **AE:** Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.

Esta unidade letiva aborda várias temáticas relacionadas com a etapa da adolescência: o desenvolvimento da pessoa; construção da personalidade; preocupações e desafios vários; o agir moral e a questão religiosa, a descoberta do amor, terminando com uma mensagem cristã sobre a felicidade.

Vários estudos sociológicos concluem que na juventude existem crises diversas mas, é também nesta fase, que surgem múltiplas possibilidades. É durante a adolescência que se dão as grandes e inevitáveis transformações a nível físico, social e psicológico, segundo as quais as crianças se tornam adultos; é nesta fase que os jovens descobrem quem são e que perspetivas têm para o futuro a nível profissional/vocacional e é também nesta etapa da vida que descobrem o relacionamento amoroso e a vivência da sexualidade.

Todo o ser humano é único e irrepetível e a adolescência é o período extraordinário em que se definem os traços de personalidade, ou seja, os “atributos que estabelecem distinções nos

desejos e sentimentos predominantes numa pessoa, assim como os modos típicos de os exprimir, os quais são característicos de cada um de nós.”¹⁴⁸

Conforme o manual de EMRC, estes traços formam uma unidade, pressupondo a integração global das várias dimensões do ser humano (fisiológica, motivacional, intelectual, social, emocional, sexual, moral e religiosa) e exprimem a originalidade e especificidade própria de cada um, num processo de continuidade.¹⁴⁹

Sendo a adolescência uma fase tão importante e determinante para o desenvolvimento de todo o ser humano, considero que ela tem de ser muito acompanhada e apoiada pela parte de todos os adultos responsavelmente envolvidos, de modo a que seja vivida de uma forma saudável e que, de facto, seja promotora de um crescimento equilibrado e feliz.

Como educadores, precisamos de compreender os adolescentes, escutá-los, acompanhá-los, confiar neles e dar-lhes oportunidade para que descubram o seu próprio caminho e se encontrem na sua identidade.

Ao longo de toda esta unidade letiva, dei-me conta de que o tema do sofrimento não era, explicitamente, abordado. Considerando que saber vivê-lo de um modo tranquilo e corajoso pode contribuir significativamente para o desenvolvimento e amadurecimento dos jovens, pretendo, com este trabalho, apresentar uma proposta pedagógica para incluir o tema do sofrimento na UL 3 “Riqueza e Sentido dos Afetos”.

Não pretendo fazer um elogio do sofrimento, mas sim contribuir, de algum modo, para que jovens e crianças aprendam a lidar com as situações dolorosas com que se vão deparando. Muitos deles vivem sem esperança, sem horizontes, desvalorizam a vida e escondem-se atrás das drogas e do álcool como que para abreviar o seu vazio existencial. Em casos extremos, cujos números têm vindo a aumentar, há aqueles que terminam com a própria vida.

¹⁴⁸ C. S. CARVALHO, Texto não publicado para uso dos alunos da Licenciatura em Ciências Religiosas, para a disciplina de Psicologia e Pedagogia da Religião, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2015, slide 35.

¹⁴⁹ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, Manual EMRC 7º ano “*Quero Saber*” Fundação SNEC, Moscavide, 2015, 95.

Narrar a vida do ser humano é, também, a narração do seu sofrimento e da sua atitude perante ele. O sofrimento existe, é um facto. Mas o que fazer perante um processo doloroso?

Tudo se deve fazer para evitar o sofrimento inútil; porque existe, de facto, muito sofrimento que pode e deve ser evitado. Para isso é preciso ensinar a apreciar positivamente o que, efetivamente, é bom; a relativizar o que, provavelmente, não é assim tão importante; a saber lidar com o fracasso e com a rejeição; a agradecer e a perdoar.

Existe, todavia, sofrimento que não se pode evitar e que precisa de ser integrado na vida. Estar triste é natural e é até saudável; mas depois do luto das várias “perdas” que vão acontecendo ao longo da vida, é preciso recuperar a esperança e a alegria.

Saber acolher a dor e o sofrimento pode ser uma experiência libertadora pois, entrando na mais profunda intimidade do nosso ser, descobre-se a verdadeira bondade da vida, de que nos fala o primeiro livro da Bíblia.

Muitas vezes, não é possível evitar o sofrimento mas, o que é verdadeiramente transformador, é a atitude que se assume perante uma situação de sofrimento.

É nosso papel, enquanto educadores, ajudar as crianças e os jovens na busca e no encontro do seu próprio caminho, na certeza de que, esse percurso, terá algumas dificuldades e problemas que vão ter de saber ultrapassar. E cada vitória terá um sabor especial e constituirá uma verdadeira conquista interior. Um sofrimento pode ser, deste modo, motor de crescimento, de descoberta e de sabedoria.

3.2. Metas

As Metas Curriculares definem os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, nos diferentes anos de escolaridade e nos conteúdos dos respectivos programas curriculares.¹⁵⁰

¹⁵⁰Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, Moscavide, 2014, 23.

A disciplina de EMRC pode dar um precioso contributo para a formação da personalidade dos jovens, tendo sido definidas como metas curriculares para esta unidade letiva, aquelas que evidenciam os conteúdos fundamentais acerca do tema da adolescência.

Segundo o programa de EMRC de 2014 ¹⁵¹ são elas:

O – Amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo;

B – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história;

Q – Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana;

G – Identificar os valores evangélicos

3.3. Objetivos

A primeira meta apresentada, O – “Amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”, aponta como principais objetivos: compreender que a pessoa cresce e se desenvolve, identificar que a adolescência é relevante na formação da personalidade e no desenvolvimento vocacional e conhecer as várias dimensões da personalidade humana.

Os objetivos da segunda meta proposta, B – “Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história” são a descoberta dos fatores determinantes da adolescência e a perceção das mudanças que ocorrem na pessoa, durante este período.

Na meta Q – “Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana”, os objetivos propostos dizem respeito às preocupações sentidas pelos adolescentes e às possíveis formas de resolução dos problemas.

-Finalmente a meta G – Identificar os valores evangélicos”. Propõe, como grande objetivo, o conhecimento da mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal.

¹⁵¹ *Ibidem*, 78-81.

3.4. Conteúdos

Em relação à primeira meta “Amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo” e para trabalhar esta aprendizagem, os conteúdos apresentados como fundamentais são aqueles que se referem às características (identidade, continuidade e totalidade) e às dimensões (motivacional, intelectual, social, emocional, sexual, moral e religiosa) da personalidade.

Para desenvolver a meta que se propõe construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, os conteúdos incluídos referem a importância da família e da escola na formação da personalidade, o valor do estudo e do conhecimento e a influência dos amigos.

É também fundamental compreender o que muda no processo de crescimento: saber tomar decisões e fazer escolhas, assumindo a responsabilidade por elas; experimentar novas formas de pensar e de resolver os problemas ético-morais; compreender o que é a religiosidade, questionar o religioso e deixar-se questionar por ele.

No que diz respeito à terceira meta proposta “Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana”, dos conteúdos que devem ser abordados destacam-se: a integração social, a identificação de sentimentos, o desejo de amar e de ser amado, as dificuldades na relação com a família e com a escola, as preocupações vocacionais e o despertar do desejo sexual, a importância da confiança (nos adultos e nos amigos), todos eles contribuindo, de um modo particular, para a experiência de maturação dos adolescentes.

Finalmente, para trabalhar a meta que trata de identificar os valores evangélicos, aparecem como conteúdos fundamentais alguns textos bíblicos e teológicos: 1 Cor 13, 1-13 – Hino ao amor; Santo Agostinho, *In Ioannen* 8,7: “Ama e faz o que quiseses”; *Familiaris Consortio* 11: a vocação da pessoa é o amor, na perspectiva de que os jovens sejam capazes de procurar o bem comum e de dedicar a sua vida aos outros.

3.5. Aprendizagens Essenciais

Segundo o Despacho n.º 6944-A/2018 e tendo em conta o documento o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*¹⁵²,

“As aprendizagens essenciais correspondem a um conjunto comum de conhecimentos a adquirir, identificados como os conteúdos de conhecimento disciplinar estruturado, indispensáveis, articulados conceptualmente, relevantes e significativos, bem como de capacidades e atitudes a desenvolver obrigatoriamente por todos os alunos em cada componente do currículo ou disciplina, tendo, em regra, por referência o ano de escolaridade ou de formação”¹⁵³

Como está referido no documento *O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória*, o grande objetivo da Educação é o de formar pessoas autónomas e responsáveis. Este documento, não pretende a padronização dos alunos, mas sim ser referência para aquilo que se considera desejável atingir com o sistema educativo: liberdade com responsabilidade, autonomia, capacidade de pensamento crítico e de intervenção social.

As aprendizagens Essenciais de EMRC foram definidas tendo por base os vários documentos curriculares em vigor e supõe-se que levem a uma maior agilidade na construção dos conhecimentos, das capacidades e das atitudes.

Foram, assim, definidas como Aprendizagens Essenciais para a UL 3 do 7º ano *Riqueza e Sentido dos Afetos*, as seguintes:

Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência; (ESP, Hist)

Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal; (CN, Hist, TIC, CD)

Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; (EF, ESP, FR, ING, TIC)

¹⁵² O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho, é um referencial para as decisões a adotar por parte dos intervenientes ao nível dos estabelecimentos de educação e ensino e dos organismos responsáveis pelas políticas educativas, constituindo-se como matriz comum para todas as escolas no âmbito da escolaridade obrigatória, designadamente ao nível curricular, no planeamento, na realização e na avaliação interna e externa do ensino e da aprendizagem.

¹⁵³ Despacho n.º 6944-A/2018, Diário da República, 2.ª série — N.º 138 — 19 de julho de 2018.

Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir; (CN, EF, CD, ESP, TIC)

Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano; (P, TIC)

Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros. (CN)

Segundo a referida lista das aprendizagens consideradas essenciais para esta Unidade, constato, mais uma vez, que a temática do sofrimento está ausente.

3.6. Justificação da pertinência do tema

O sofrimento existe. Como refere João Teixeira “o sofrimento é a presença mais assídua e perturbadora na vida humana.”¹⁵⁴

Tenho a convicção de que se vive, de uma maneira geral, como se o sofrimento não existisse e, perante a sua inevitabilidade não se sabe como agir, o que fazer e como fazer para o enfrentar. É importante perceber que, a maior parte das vezes, não é possível compreender e, tão pouco, eliminar o sofrimento mas, para o aceitar como fazendo parte do percurso individual do ser humano, é necessário aprender a sofrer. Não se vive para sofrer mas, porque se vive, sofre-se.

Como referi anteriormente, não pretendo valorizar o sofrimento mas sim destacar que se podem ter atitudes diferentes perante uma situação dolorosa. Passado o choque inicial e de depois fazer o *luto* da perda (seja ela qual for), o ser humano precisa de se reerguer e reorientar a vida, sabendo que toda a vida, em qualquer situação, é dotada de sentido.

Deste modo, parece-me um aspeto crucial abordar este tema do sofrimento na Educação de uma maneira sistemática, ensinando que existe uma outra forma de viver uma situação dolorosa, que não aquela do desespero, da angústia e da desesperança, tendo sempre como horizonte o maior bem dos alunos.

¹⁵⁴ J. TEIXEIRA, *Sofro, Logo Existo*, Multinova, Lisboa, 2002,15.

Neste sentido proponho-me, no ponto 4, apresentar uma proposta pedagógica para trabalhar esta temática com os alunos do sétimo ano.

4. Proposta Pedagógica

4.1. Proposta para trabalhar o tema do sofrimento na UL 3 - “Riqueza e Sentido dos Afetos”

Para incluir a temática do sofrimento nesta Unidade Letiva, penso que seria oportuno incorporá-lo no capítulo das “Preocupações e desafios”. São, aqui, desenvolvidos alguns temas que afetam os jovens, como é o caso da sua preocupação com a imagem e com o corpo, com o sucesso a nível social e afetivo, com a descoberta do sexo oposto, entre muitos outros e que lhes provocam muitas dúvidas e angústias. A questão do sofrimento, sendo uma preocupação em todas as faixas etárias, na etapa da adolescência, em que os jovens estão a passar por inúmeras transformações a vários níveis, constitui uma temática fundamental para a sua formação.

Para trabalhar este tema, proponho uma aula que tem como principais objetivos, em primeiro lugar, compreender que o sofrimento é uma realidade da condição humana e também perceber que é possível mudar o modo como se vive uma situação dolorosa.

Para atingir estes objetivos proponho alguns conteúdos que considero fundamentais:

O que é o Sofrimento?

O que o provoca?

Como o vivemos?

Como podemos vivê-lo?

4.2. Planificação da aula

Sumário: O Sofrimento: como se vive e como se pode vivê-lo. Visualização de um vídeo e diálogo acerca do tema.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade e perante a pessoa a comunidade e o mundo	Compreender que o sofrimento é uma realidade da condição humana	O que é o Sofrimento?	Acolhimento	2m	Portefólio	Verificação dos resultados do trabalho individual
		O que o provoca?	Apresentação do tema	2m		
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	Perceber que é possível mudar o modo como se vive uma situação dolorosa	Como o vivemos?	Trabalho individual: tentativa de dar resposta a uma situação de sofrimento: traição; perda; divórcio	5m	Quadro interativo	Avaliar o empenho a atenção com que acompanham o vídeo
		Como podemos vivê-lo?	Diálogo	8m		
			Visualização de um vídeo (música da Luísa Vidal) https://www.youtube.com/watch?v=i432KfAh8	5m		
			Diálogo acerca do vídeo	20m		
			Síntese	3m		Verificar a qualidade da participação nos diálogos.

Proposta de Síntese: O Sofrimento faz parte da condição de ser-se humano, por isso, ajuda se soubermos lidar com ele. **AE:** Aprender a integrar o sofrimento na vida.

4.3. Descrição das atividades em sala de aula

Conforme a planificação anterior, proponho começar a aula fazendo uma breve abordagem ao tema do sofrimento e sugiro uma situação dolorosa com que, eventualmente, os alunos se possam identificar, como é o caso do divórcio dos pais, da traição de um amigo ou da perda de alguém.

Cada aluno, individualmente e por escrito, terá de dar uma resposta à situação proposta, explicando como se sente e como pensa que a poderia ultrapassar.

Seguidamente, abro um debate no qual cada um exprime a sua posição perante o problema, dando os argumentos nos quais fundamentou a sua resposta.

Na segunda parte da aula, faço a apresentação de um vídeo com uma música composta por Luísa Vidal que se chama *Borboleta* e que está relacionada com a temática em causa.

“Borboleta”

Somos de aparências; e ensinados a ser
Alegres todo o tempo; e tristeza ninguém quer
Não sabemos lidar com a fragilidade
Escolhemos pensos rápidos; a encarar a verdade
Compramos felicidade; não reflectimos na dor
Mas a nota amarrotada tem o mesmo valor.
Não temos de estar sempre bem; e está errado quem
Pensa que a larva vira borboleta num bater de asas
Há processo a respeitar; não ousemos nós romper
No casulo a transformar; o outro que se há-de erguer
Quanto maior a queda; maior é o triunfo
Dar a volta à tristeza; Transformá-la num trunfo.

Seguidamente conto, de um modo breve, a história da Luísa e da sua família para contextualizar o tema, destacando a gravidade da situação em que a morte do pai os deixou.

Luísa Vidal é a mais velha de quatro irmãos e todos, juntamente com a mãe Madalena, formam o coro “Figo Maduro”. Surpreendidos pela morte repentina do pai com todos ainda muito pequenos (o mais novo tinha apenas 9 meses), começaram este projeto para dar resposta às dificuldades várias com que, abruptamente, foram confrontados.

A sua primeira aparição pública, em família, dá-se em maio de 2000, um dos momentos mais especiais da vida familiar, em que atuaram para Sua Santidade, o Papa João Paulo II, na Base Militar de Figo Maduro, por ocasião da sua visita a Portugal, no âmbito da beatificação dos pastorinhos Francisco e Jacinta. Daí o nome do grupo.

Luísa Vidal, nesta música que compôs fala, exatamente, da possibilidade de superar as situações mais difíceis, passando a mensagem de que há sempre uma maneira de dar a volta às situações. Para eles foi através da música e da fé.

Nunca desistiram e, criativamente, com a ajuda de um dom comum, constituíram um grupo para tocar e cantar em casamentos, batizados e outras ocasiões que surgiam.

São um exemplo concreto de superação e de coragem; nos dias que vivemos, há falta modelos e de referências estáveis e credíveis, mas os jovens precisam deles.

Esta é uma história de vida real e que mostra que é possível ultrapassar as dificuldades de uma forma positiva. Não é fácil, mas é uma possibilidade que depende de nós.

É, por isso, uma música que transmite coragem e esperança, tão importantes para a formação dos jovens.

Finalmente, faço uma síntese da aula destacando algumas causas que provocam o sofrimento, como as vivemos e realçando a possibilidade de as viver de uma outra maneira.

É muito importante educar os jovens para a esperança. A tristeza, a angústia e o desespero, não podem ter a última palavra; temos de ensinar que, apesar das várias situações tristes e difíceis por que vão passando, são apenas isso mesmo: situações passageiras. Muitas delas deixarão feridas difíceis de cicatrizar, é verdade, mas quanto mais exigente a superação de uma situação, maior será a vitória pessoal de quem o consegue.

E podemos sempre contar com Deus. Deus não castiga o Homem pelo mal que comete; é o próprio ser humano que se castiga. Não é humanamente possível fazer o mal e permanecer em paz, pois na verdade, o Homem é criado para o Bem. O mal incomoda e quem o comete não consegue alcançar a verdadeira felicidade.

Esse é o castigo e depende apenas do Homem, das suas ações e das suas escolhas. Imputá-lo a Deus é uma forma de desresponsabilidade e de autovitimização.

O sofrimento pode destruir o Homem; nós precisamos de educar os jovens para não se deixarem destruir por ele. É preciso, de facto, aprender a ter “coragem de sofrer”.

O Cristianismo define-se como universal, ou seja, é para todos em todos os lugares do mundo e apresenta-nos um Deus de proximidade, de diálogo e comunhão.

Penso que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica pode ter, neste campo, um papel crucial. A nossa disciplina trabalha fundamentalmente para a construção da comunidade humana, fornecendo as ferramentas necessárias para se descobrir a dimensão sagrada da vida. O objetivo de EMRC não é cristianizar mas ajudar os alunos a desenvolver a dimensão religiosa, sendo a tradição católica a sua chave de leitura.

A EMRC trabalha, assim, o eixo do sentido da vida. A partir da memória da experiência cristã (tradição), contribuirá para treinar o ouvido das crianças relativamente a estas questões religiosas, abrindo-lhes a perspetiva de outros horizontes, os da dimensão sagrada. Deste modo terão a capacidade de se abrir ao Mistério e conseguirão, mais facilmente, integrar o sofrimento nas suas vidas.

Esta é a missão da EMRC: trabalhar a abertura à transcendência, investir na descoberta da dimensão religiosa e proporcionar aos alunos o conhecimento de quem é Jesus. Cabe, no entanto, a cada um descobrir o seu próprio caminho.

A Educação Moral e Religiosa Católica contribuí, deste modo, para o fornecimento de critérios de discernimento e de ferramentas fundamentais, para que os jovens venham a ser agentes ativos, responsáveis e transformadores do mundo que habitam.

CONCLUSÃO

Ser Homem é ser vulnerável e frágil e o sofrimento faz parte desta condição humana.

Quando somos acometidos por uma situação dolorosa, muitas vezes, surgem sentimentos de frustração, raiva, desalento e fracasso. No entanto, o sofrimento pode tornar-se um lugar privilegiado para aprofundar a capacidade de amar e, neste sentido, permite recolocarmo-nos num mundo que se pretende justo e fraterno.

Afirma J. Teixeira que “ entre a inevitabilidade do sofrimento (própria do ser humano) e a ausência do sofrimento [...], existe uma terceira via: a do sofrimento ativo, a do sofrimento do amor”.¹⁵⁵

Livrarmo-nos de ressentimentos, aprender a perdoar e encarar as situações difíceis com coragem e esperança são bons ensinamentos para quem está em crescimento.

Na vida, não existem receitas para a felicidade. Existem, no entanto, caminhos que podem ser explorados e enquanto educadores, temos o dever de acompanhar, cada um, na busca do próprio caminho.

Preocupada com a realidade que tenho vindo a acompanhar na escola pretendo, com esta proposta de trabalho, que a temática do sofrimento seja abordada nas aulas de EMRC, pois considero-a muito importante na formação integral dos jovens.

Refere Hannah Arendt, que a experiência de desolação pode ser traduzida pelos termos *desacontecer* ou *desviver*.¹⁵⁶ De facto, muitos dos nossos jovens *desvivem* a vida e isso é assustador; ver adultos desanimados ou deprimidos é muito triste mas, perceber que há alunos muito novos perdidos, desiludidos e sem a capacidade de sonhar um futuro, parece-me uma realidade destituída de qualquer possível sentido.

¹⁵⁵ J. TEIXEIRA, *Sofro, Logo Existo*, 182.

¹⁵⁶ Cf. N. M. S. ALMEIDA, citando H. Arendt, *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã - Leitura teológica do pensamento de V. Frankl*, Empresa do Diário do Minho, Lda, Braga, 2017, 39.

Enquanto responsáveis pela Educação não podemos permitir que situações destas aconteçam; é nosso dever educar para a resiliência e empenhar-nos para transmitir aos jovens uma mensagem de segurança e de esperança. A vida vale a pena.

O sofrimento não tem de, forçosamente, destruir o ser humano; pelo contrário, ele pode “tornar-se ocasião que permite ao Homem atingir o máximo da sua estatura moral. A capacidade de sofrer, de facto, é totalmente confiada à livre decisão da pessoa.”¹⁵⁷

Como refere Nuno Almeida,¹⁵⁸ adquirir a capacidade de sofrer é fundamental para o amadurecimento da personalidade; não podendo mudar as situações, é possível a pessoa modificar a sua atitude perante elas e, deste modo, o sofrimento é transformado e transformador.

Sofremos. E agora?

Agora temos de ensinar tudo isto aos jovens, não apenas com palavras mas na prática, com o nosso exemplo. O professor tem de ser modelo para os seus alunos e, deste modo, deve estar motivado em abraçar a nobre missão a que é chamado: ajudar os seus alunos a crescer de forma integral em todas as dimensões que o constituem. Ser professor não é só profissão; é missão.

Segundo A. F. Santos, “No ser professor não está apenas o nosso saber, nem o nosso agir, nem apenas o nosso acreditar. Está todo o nosso ‘ser’, que não se fragmenta nem divide”.¹⁵⁹

Toda ação educativa, e concretamente, EMRC, inclui o processo de desenvolvimento integral do ser humano em ordem à promoção da dignidade da Pessoa. Acredito que saber viver bem o sofrimento, olhando-o cara a cara com coragem e tendo o Amor como critério, constitui um fator decisivo para a promoção dessa dignidade.

¹⁵⁷ *Ibidem*, 215.

¹⁵⁸ Cf. *Ibidem*, 216.

¹⁵⁹ A.F. SANTOS, “O Professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional”, *Pastoral Catequética*, 21/22 (2012) 9-19.

BIBLIOGRAFIA FINAL

Fonte Bíblica

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Fátima, 2001.

Documentos do Magistério

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, (Gaudium et Spes), Editorial A.O., Braga, 1987.

JOÃO PAULO II, Carta Apostólica: *Salvifici Doloris - Sentido Cristão do Sofrimento*, Roma, 1984.

Instrumentos de Trabalho

AAVV, Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Círculo dos Leitores, Lisboa, 2003.

AMBROSIO, Juan, *Dimensão Religiosa e Condição Humana*. Texto não publicado para uso dos alunos do mestrado em Ciências Religiosas, para a disciplina de Didática Específica de EMRC, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017.

CARVALHO, Cristina Sá, Texto não publicado para uso dos alunos da Licenciatura em Ciências Religiosas, para a disciplina de Psicologia e Pedagogia da Religião, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2015.

CABRAL, R. “Felicidade”, *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 2 (1990) 475-480.

FARIAS, J. *Soteriologia*, texto não publicado para uso dos alunos da Licenciatura em Ciências Religiosas, para a disciplina de Antropologia Teológica, Faculdade de Teologia, 2015/16, 37-38.

FREITAS, M. C., “Mal”, *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 3 (1991) 596-604.

FREITAS, M. C., “Maniqueísmo”, *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 3 (1991) 608-614.

FREITAS, M. C., “Perdão”, *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 4 (1992) 58-60.

GABINETE do SECRETÁRIO de ESTADO da EDUCAÇÃO, Despacho no 6944-A/2018 de 19 de julho, *O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Lisboa, 2018.

NUNES, D. Tomás da Silva, “O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica”. *Fórum de EMRC*, SNEC, Lisboa, 2005, 83-88.

PEREIRA, Américo, texto não publicado para uso dos alunos da Licenciatura em Ciências Religiosas, para a disciplina de Ontologia, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2015.

RODRIGUES, J. R., “Gnosticismo”, *LOGOS - Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 2 (1990) 855-864.

SALESIANOS DE MANIQUE - ESCOLA, *Plano de Desenvolvimento Curricular: Desafiate a Fazer Maravilhas - 2016-2017*, ESM, Manique, 2016.

SALESIANOS DE MANIQUE - ESCOLA, *Projeto Educativo de Escola 2010-2014*, ESM, Manique, 2010.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, Manual EMRC 7º ano “*Quero Saber*” Fundação SNEC, Moscavide, 2015.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014.

SOUSA, M.C.B., “Sofrimento” *LOGOS, Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* 4 (1992) 1254-1258.

Estudos

AAVV, *A Dor e o Sofrimento – Abordagens*, Campo das Letras Editores S.A, Porto, 2001.

AAVV, *A Dor e o Sofrimento*, Uma perspetiva interdisciplinar, Campo das Letras – Editores S.A., Porto, 2001.

ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 1995.

ALMENDRA, Luísa, *Um Debate Sobre o Conhecimento de Deus*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2007.

ALMEIDA, Nuno Manuel dos Santos, *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã – Leitura teológica do pensamento de Viktor Frankl*, Empresa do Diário do Minho, Lda., Braga, 2017.

BALTHASAR, H. V. *Córdula ou o Momento Decisivo*. Assírio & Alvim, Lisboa, 2009.

BATISTA, Isabel, *Dar Rosto ao Futuro: A educação como compromisso ético*, Profedições, Porto, 2005.

BECKER, Silvério, “Sobre a Origem do mal na Filosofia de Kant”, *Guairacá, Revista de Filosofia* 32, 2 (2016) 71-84.

BOFF, L. *Como pregar a Cruz hoje numa Sociedade de Cruxificados?* Editora Vozes, Lda. Petrópolis, 1985.

CYRULNIK, Boris, *Resiliência. Essa Inaudita Capacidade de Construção Humana*, Horizontes Pedagógicos, Lisboa, 2001.

- DIMAS, Samuel. *A redenção do mal e do sofrimento em Louis Lavelle*. Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013.
- FERREIRA, J. F. “Cruz, Sinal de Contradição”, *DIDASKÁLIA*, XIV (1984) 3-10.
- FRANFL, ViKtor – *Um Homem Em busca de Sentido- Um psicólogo num campo de concentração*, Editora Sinodal, Brasil, 1985.
- FRANKL, Viktor, *A falta de Sentido na Vida*, Editora Pergaminho, Lisboa, 2017.
- FREUD, S. *Luto e Melancolia*, Cosac & Naify, S. Paulo, 1914.
- FRUTOS, E.A., “La esperanza, alma de la educctión”, *Salesianos – Pastoral Juvenil, Estudios 431* (2012) 1-11.
- GESCHÉ, Adolphe, *El Mal*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2010.
- GESCHÉ, Adolphe, *Le Mal et La Lumière*, Les Editions du Cerf, Paris, 2003.
- HEINEM, H. *O Deus Indisponível – O Livro de Job*, Edições Paulinas, S. Paulo, 1982.
- MACEDO, M. J. C., *A Dor e o Sofrimento – Abordagens. Existência e Sofrimento*. Campo das Letras, Porto, 2001.
- MAGALHÃES, Vasco Pinto, *Se Deus é Bom Porque Sofremos?* Tenacitas, Coimbra, 2015.
- MAGALHÃES, Vasco Pinto, *O Mal e o Demónio*, Tenacitas, Coimbra, 2017.
- MIRANDA G. L. & BAHIA, S., *Teorias da Aprendizagem*. Instituto de Educação – Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2007.
- MOREIRA, N., *Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil, 2010.

OSSWALD, Walter, *Morte a Pedido*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016.

OSSWALD, Walter, *Sobre a Morte e o Morrer*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2013.

PEREIRA, Américo – *A Crise do Bem. Reflexão sobre Job e o Sofrimento*, Lusosofia Press, Covilhã, 2014.

PEREIRA, I., “Mundo e Sentido na Obra de Viktor Frankl”, *Psico* 39, 2 (2008) 155-159.

RICOUER, P., “O psiquiatra diante ao sofrimento”, *Psychiatrie française*, número especial, Junho de 1992 e “Souffrances”, *Autrement*, nº142, Fevereiro, 1994. Comunicação feita ao colóquio organizado pela Associação Francesa de Psiquiatria em Brest, nos dias 25 e 26 de Janeiro de 1992.

SALVANESCHI – *Saber Sofrer*. Edições Paulinas, Prior Velho, 2009.

SANDRIN, Luciano, *Como enfrentar a dor – Entender, aceitar e interpretar o sofrimento*, Edições Paulinas, Prior Velho, 2008.

SANTOS, A. F, “O Professor de EMRC: para a definição de um perfil humano e profissional”, *Pastoral Catequética* 21/22 (2012) 9-19.

TEIXEIRA, J., *Sofro, Logo Existo*, Multinova, Lisboa, 2002.

Webgrafia

“Portugal acima da média de suicídios em todo o mundo”
<https://www.dn.pt/portugal/interior/portugal-acima-de-media-de-suicidios-em-todo-o-mundo--oms-8750443.html>, acedido a 16 de fevereiro de 2019 às 11.00.

BENTO XVI, A Última lição de João Paulo, II: O sofrimento tem um sentido. <https://noticias.cancaonova.com/mundo/a-ultima-licao-de-joao-paulo-ii-o-sofrimento-tem-um-sentido/> acessado a 6 de maio de 2019 às 18.30.

CHARDIN, P.T., “Sobre a Felicidade”, Conferência feita em Pequim a 28 de Dezembro de 1943, 3. <https://teihardianos.files.wordpress.com/2012/06/sobre-a-felicidade-em-teihard-de-chardin.pdf> acessado a 22 de março de 2019 às 12:00.

CYRULNIK, B., <https://www.youtube.com/watch?v=IugzPwpsyY>, acessado a 24 de fevereiro de 2019 às 16:55 acessado a 6 de maio de 2019 às 18.30.

GEDEÃO, António, “ Poema de um Homem Só” http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/antonio_gedeao/homem_so.html acessado a 21 de março de 2019 às 19:00.

FRUTOS, Albuquerque, “La Espezanza, Alma de la Education” <http://www.pastoraljuvenil.es/la-esperanza-alma-de-la-educacion/> acessado a 09 de Janeiro de 2019.

JOÃO PAULO II http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_15081996_xii-world-youth-day.html

KONRAD, Letícia Regina, “Eichmann em Jerusalém e a Banalidade do Mal: Percepções necessárias para a Urgência de uma Educação em Direitos Humanos” Caderno pedagógico, Lajeado, v. 11, n. 2, p. 50-72. <http://univates.br/revistas/index.php/cadped/article/download/909/898> acessado a 06 de fevereiro de 2019 às 19:00.

ORDEM DE SANTO AGOSTINHO – Vicariato Agostiniano Nossa Senhora da Consolação do Brasil. <http://www.agostinianos.org.br/visualizacao-de-cursos/ler/49/11-escriptor-e-santo> acessado a 22 de março de 2019 às 15.45.

MAGALHÃES, Vasco Pinto, “ A realidade dói muito por isso foge-se dela”

http://rr.sapo.pt/noticia/49278/vasco_pinto_de_magalhaes_a_realidade_doi_muito_por_isto_foge_se_dela. Acedido a 26 de fevereiro de 2018 às 18:00.

MELO, Manuela, “Porque Sofremos”, <https://arautofm.com.br/Blog/mensagem-dodia/132952/por-que-sofremos>, acedido a 4 de março de 2019 às 19:00.

PAPA FRANCISCO, Viagem Apostólica ao Equador, Bolívia e Paraguai, Discurso no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2015.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papafrancesco_20161105_movimenti-popolari.html, acedido a 7 de março de 2019 às 18:10.

VIDAL, Luísa, “Borboleta”, <https://www.youtube.com/watch?v=j432KfAh8>, acedido a 14 de abril de 2019 às 18:00.